

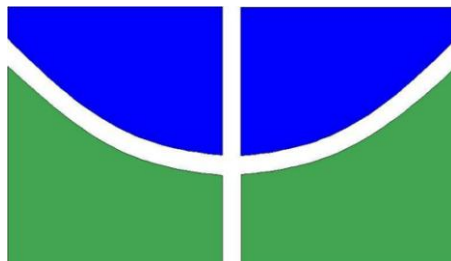
**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NA EJA: O CASO DA ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA  
DE SANTA MARIA**

**FELIPE MARCEL SEABRA DE MATOS**

**Brasília**

**2013**



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**FELIPE MARCEL SEABRA DE MATOS**

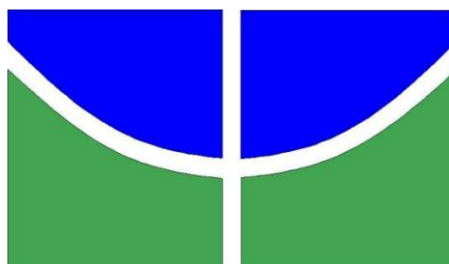
**EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NA EJA: O CASO DA ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA  
DE SANTA MARIA**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Pedagogia da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dra. Sonia Marise Salles Carvalho

**Brasília**

**2013**



Monografia de autoria de Felipe Marcel Seabra de Matos, intitulada “Experiência Pedagógica no Programa BB Educar”, apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia da Universidade de Brasília.

---

**Profa. Dra. Sonia Marise Salles Carvalho (Orientadora)**

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília/UnB

---

**Profa. Dr. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira**

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília/UnB

---

**Profa. Dr. Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida**

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília/UnB

**Brasília, 2013.**

## DEDICATÒRIA

Dedico este trabalho a todos que não puderam estar no meu lugar, seja pelas desigualdades sociais, seja pelos infortúnios da vida.



## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente aos meus familiares que me deram força e que tanto me incentivaram a prosseguir nos estudos, sou grato também pelos professores; pessoas tão cultas e de tamanho conhecimento que ajudaram na minha formação, em especial á professora Sonia Marise, uma grande professora com um grande coração. Aos amigos que fiz na Universidade, alguns de amizade tão fraterna que irei levar para toda vida. Agradeço também a Thissiana Barbalho, por ter me suportado e me ajudado nesse trabalho.

"Eu não sei o caminho para sucesso; mas, sem dúvida, o caminho para o fracasso é agradar a todo mundo"

*John Kennedy*

## RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido através de uma pesquisa-ação realizada na Organização Não Governamental Associação Atlética Santa Maria, situada na cidade de Santa Maria, Distrito Federal, tendo como sujeitos estudantes em início de alfabetização da modalidade EJA. Teve por finalidade a reflexão e análise sobre a Educação Popular e a Educação de jovens e adultos no Brasil, buscando considerar este tema por um prisma exterior, para além das dificuldades naturais dentro de uma sala de aula, onde muitas variáveis – origem, conhecimentos prévios, situação econômica, de moradia, entre outros – influenciam no sucesso ou fracasso de professores e alunos em sua vida escolar. Para o alcance deste objetivo, houve a necessidade de buscar fundamentação teórica relacionada aos seguintes aspectos: história da Educação de Jovens e Adultos, da Educação Popular e da legislação educacional, tomando-as como base para a compreensão das suas características atuais, buscando, nas ideias de Paulo Freire, alternativas que melhorariam as perspectivas encontradas. Através de uma experiência pedagógica na comunidade de Santa Maria, onde, por meio de aulas planejadas e ministradas através de uma Educação Libertadora, foi possível refletir de forma mais significativa, ampla e real sobre todas as teorias aprofundadas, percebendo a importância do conhecimento teórico e da vivência prática para, efetivamente, compreender as dinâmicas de uma sala de aula, suas especificidades que, ao serem respeitadas e aproveitadas, possibilitam a criação de métodos que “atraiam” e “fascinem” os alunos a permanecerem na escola, abrindo as portas para a formação de sujeitos capazes de, ao entenderem sua realidade, possam transformá-la, caso esta seja a sua vontade.

**Palavras-chave:** Alfabetização, Conhecimento, Aprendizagem, Educação Popular.

MATOS, Felipe Marcel Seabra. Experiência pedagógica no programa BB Educar. Brasília-DF, Universidade de Brasília/ Faculdade de Educação (Trabalho de Conclusão de Curso), 2013.



## ABSTRACT

This work was developed through an action research conducted on Non Governmental Organization Athletic Association Santa Maria, located in Santa Maria, Federal District, with students as subjects in early literacy EJA mode. Aimed to reflection and analysis on the Popular Education and Youth and adults in Brazil in order to consider this issue through a prism outside, beyond the natural difficulties inside a classroom, where many variables - source, prior knowledge, economic status, housing, among others - influence the success or failure of teachers and students in their school life. To reach this objective, it was necessary to seek theoretical aspects related to the following: history of Youth and Adult Education, Popular Education and the educational legislation, taking them as a basis for understanding their current features, looking in ideas of Paulo Freire, alternatives that would improve the prospects found. Through a pedagogical experience in the community of Santa Maria, where, through classes designed and taught by a Liberating Education, could reflect more significantly, real wide and thorough on all theories, realizing the importance of theoretical knowledge and of practical experience to effectively understand the dynamics of a classroom, their specificities which, when respected and used, allow the creation of methods that "attract" and "fascinate" students to remain in school, opening the door to forming individuals capable of, to understand their reality, can make it, if that is their desire.

**Keywords:** Literacy, Knowledge, Learning, Popular Education.

MATOS, Felipe Marcel Seabra. Experiência Pedagógica no Programa BB Educar. Brasília-DF, University of Brasilia / Faculty of Education (End of Course Work), 2013.

## APRESENTAÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso é a etapa final como parte do requisito para a obtenção do título de licenciatura em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Orientado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sonia Marise Salles Carvalho, com enfoque direcionado à Educação de Jovens e Adultos e Educação Popular juntamente com minha pesquisa-ação, o trabalho é constituído por três partes, por normas acadêmicas.

A primeira parte do trabalho é constituída pelo memorial, onde contemplo meus primeiros passos no ambiente escolar, desde minha tenra idade, passando pelo conturbado período de vestibulando, até meu acesso à universidade onde me identifico com a temática da EJA e direciono meu foco para este mesmo tema, vivenciando experiências e intervenções pedagógicas.

Na segunda parte, abordo os conceitos teóricos de caráter freireano, tomando como base as ideias de Paulo Freire voltadas para a prática escolar da EJA e relacionadas com a Educação Popular. Foi feita, ainda, uma pesquisa-ação com uma turma de jovens e adultos numa ONG localizada na cidade de Santa Maria. Para tal, busquei apoio no programa BB Educar como uma tentativa de melhoria das aulas, o que se tornou inviável devido a grande distância entre as diretrizes apresentadas e a prática realizada pelo programa. Isto, portanto, propiciou para que eu assumisse as aulas de EJA oferecidas pela ONG, contando somente com o apoio da universidade, onde procurei colocar em prática as ideias de Paulo Freire para uma educação transformadora.

Na terceira e última parte, abordo as perspectivas profissionais, meus planos para o futuro; tanto nos estudos como na área profissional; meus sonhos como pedagogo, além do meu projeto de vida como ser humano.

## SUMÁRIO

<b>PRIMEIRA PARTE</b> .....	12
MEMORIAL: PERCURSO NA EDUCAÇÃO E MINHA VISÃO .....	12
<b>SEGUNDA PARTE</b> .....	26
RELATO DE EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA EM EDUCAÇÃO POPULAR.....	26
<b>CAPÍTULO 1</b> .....	27
1. TRABALHANDO A TEORIA SOBRE EDUCAÇÃO POPULAR, EJA E ALFABETIZAÇÃO. ....	27
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	40
2. EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NA ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA SANTA MARIA.....	40
2.2 RELATOS DE EXPERIÊNCIA EM EDUCAÇÃO POPULAR E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS... 40	40
2.3 O CURSO DE ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS DA AASM .....	41
2.4 O QUE É O PROGRAMA BB EDUCAR .....	43
2.5 PRÁTICA PEDAGÓGICA NO CURSO DE ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS DA.....	49
Intervenção Pedagógica – Aula 1 .....	50
Intervenção Pedagógica- Aula 2.....	52
Intervenção Pedagógica- Aula 3.....	53
Intervenção Pedagógica- Aula 4.....	54
Intervenção Pedagógica- Aula 5.....	57
Intervenção Pedagógica- Aula 6.....	59
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	61
3. REFLEXÕES SOBRE A MINHA INTERVENÇÃO PRÁTICA NO CURSO DE.....	61
3.1 REFLEXÕES SOBRE A MINHA EXPERIÊNCIA NO PROGRAMA BB EDUCAR.....	63
3.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
<b>TERCEIRA PARTE</b> .....	71
PERSPECTIVAS PESSOAIS, PROFISSIONAIS E ACADÊMICAS:.....	71
REFERÊNCIAS.....	74

## **PRIMEIRA PARTE**

### **MEMORIAL: PERCURSO NA EDUCAÇÃO E MINHA VISÃO**

Sem dúvida a educação esteve presente desde muito cedo na minha vida, aos três anos de idade eu já frequentava a escola, não era bem uma escola propriamente dita, uma vez que fazia mais papel de creche, mas não posso dizer que não aprendi nada lá. Recordo-me vagamente das minhas idas para o colégio, onde minha mãe me deixava na porta e uma professora recebia os alunos, sempre com um sorriso no rosto e chamando-os pelo nome. Minha memória vai até aí, depois disso não consigo me lembrar de mais nada, a não serem as sonecas que tirávamos quase todos os dias, disso lembro-me muito bem.

Posteriormente fui para um colégio religioso que era ligado a igreja presbiteriana, apesar disso nunca tive aulas de religião, creio eu por ser pequeno demais para entender. Nesse colégio fiz o jardim um e dois e, de certa forma, eu gostava de lá porque tinha um grande espaço para correr e minha mãe trabalhava lá como professora, o que restringia minhas bagunças. Toda vez que eu fazia “arte” a professora me levava para minha mãe e, chegando em casa, ela conversava comigo sobre o acontecido. Lembro-me bem da professora, seu nome era Patrícia, morena com o cabelo cacheado, sempre com um sorriso no rosto e sempre agachava para conversar com algum aluno. Foi aí que o amor entrou pela primeira vez em minha vida e me apaixonei por ela.

No princípio era um amor meio primitivo e devo ter feito confusão na minha cabeça de criança achando que ela era minha segunda mãe, já que eu passava mais tempo com ela do que com minha própria mãe. Dessa forma as aulas se

tornaram mais agradáveis e eu já não reclamava quando ia para a escola. Mas para minha desilusão, logo descobri que não era o único apaixonado pela professora, ela era casada, o marido dela apareceu algumas vezes no colégio para buscá-la. Foi uma espécie de amor relâmpago, pois logo mudei novamente de colégio e já não lembrava mais da professora Patrícia. Nesse outro colégio, que se chamava Araberi, fiz o jardim três e foi lá que aprendi a ler e escrever. Em minha opinião foi uma alfabetização tranquila, lembro-me da professora e de alguns alunos, não me recordo com detalhes do momento em que comecei a identificar as letras e palavras, mas sei que, lá pelos dos meus seis anos de idade, já sabia decodificar tudo isso e formar frases.

Quando passava na rua com meu pai, ficava tentando ler cartazes de propaganda e outdoors, e fazia isso com certa tranquilidade. Depois de um ano, mudei outra vez de colégio e fui para a primeira série, onde mais uma vez minha mãe trabalhava no mesmo local onde eu estudava e constantemente eu era advertido e levado para a sala dela. Devo confessar que eu era um pouco bagunceiro e não rara às vezes passava dos limites. A primeira série foi um pouco mais difícil que o jardim três, onde, apesar de já saber ler e escrever, eu tive dificuldade em matemática, principalmente na tabuada. Não foram poucas as vezes em que tive que decorá-la. Meu pai, mesmo antes de ir trabalhar, dizia-me que quando voltasse me tomaria à tabuada. E assim ele fazia e cada dia era de um número diferente.

Foi um terror, passar uma tarde toda imaginando a surra que eu levaria caso não decorasse, mas, apesar de todo medo, eu conseguia decorar. O que, obviamente, foi uma pena já que eu poderia ter aprendido de verdade a tabuada ao invés de decorá-la na hora e esquecê-la na semana seguinte. Mas em termos matemáticos fiz grandes progressos na primeira série, aprendi a somar e subtrair com mais rapidez e multiplicar e dividir com um pouco menos de rapidez, além do mais, melhorei meu comportamento e parei de frequentar as aulas da minha mãe. Foi também na primeira série que tive aula de inglês pela primeira vez. E, novamente, me encantei pela professora. Eu não lembro seu nome, o que lamento até hoje, mas ela era linda e eu sempre ficava quieto prestando atenção no que ela falava.

Lembro uma vez de a minha professora normal entrar na sala no meio da aula de inglês e me ver quieto prestando atenção, o que a deixou surpresa e a fez dizer “nossa, que milagre é esse o Felipe calado” e no que a professora de inglês responde “que isso, ele é tão comportado, tão quietinho” e a professora normal retruca “que nada, esse ai é o capeta em sala de aula”. Obviamente que meu plano foi por água a baixo e minha professora normal desconfiou o motivo de eu ser tão calado e comportado nas aulas de inglês. Mas de modo geral a minha primeira série foi legal, o saldo da balança foi positivo.

Então, novamente eis que, na segunda série, eu mudo de colégio. Fui para um colégio em frente ao que eu estudava antes e lá fiz a segunda, terceira e quarta série. foi onde eu melhorei um pouco mais em matemática e aprendi de fato a ser comportado em sala de aula, ou pelo menos um pouco mais do que eu era. Para minha infelicidade a tabuada continuou a me perseguir e a professora cobrava individualmente de todos nós. Para que pudéssemos nos preparar, decorávamos a tabuada realmente, já que éramos repreendidos caso usávamos os dedos na tentativa de lembrar e assim poder responder. Imediatamente a professora falava que era errado usar os dedos e que pensar era só com a cabeça. O que era um grande equívoco da parte dela, pois sem perceber ela coibia nosso modo de interagir com os algarismos, tornando assim a matemática chata para nós.

A quarta série foi a ultima série que eu fiquei no colégio, nessa época eu ainda não sabia o que queria ser quando crescer, como se a criança não fosse nada enquanto criança e só passasse a ser depois de grande. Recordo-me vagamente que minha mãe dizia que eu seria médico, mas nunca tive vontade nem curiosidade para exercer a profissão, e fiquei na duvida do que seria no futuro por anos a fio. Na minha quinta série, já em outra escola, foi onde eu tive a minha primeira experiência de ter um professor para cada matéria, o que, a princípio me alegrou bastante, pois já não tinha mais aquela “tia” para pegar no meu pé e me dar bronca como se eu fosse o filho dela, o que não tirava a razão dela já que eu era bem bagunceiro.

Minha quinta série só mostrou como eu era fraco em matemática, tudo bem que eu não tive o melhor dos ensinamentos em exatas, mas eu realmente era fraco, não aprendi direito e o pouco que sabia não me ajudou muito, na sexta série foi bem parecido, mas minha situação em matemática só piorava, chegou ao ponto de eu

quase reprovar na escola, fiquei para recuperação e precisava de sete pontos na prova para passar, mas não alcancei a nota e fui para a dependência onde era minha última chance. Havia estudado no final do ano o que não estudei o ano inteiro, e isso estava me deixando exausto e com medo da reprovação. No dia da prova final, lembro que fiz uma prece antes de fazer a prova e a sorte estava lançada...

Eis que então... Milagrosamente eu havia passado, precisava tirar a média que era seis e a havia alcançado. Tirei um piano das minhas costas, pois já estava perto do natal, meus amigos todos brincando na rua, meus primos me visitando... E eu ainda no colégio.

E eis que novamente eu mudo de colégio, estava de volta ao colégio onde havia feito a primeira série. Lá permaneci da sétima até a oitava série do ensino fundamental. Posso dizer que o trauma do ano anterior havia me servido de lição e eu estava mais estudioso, não como realmente deveria ser, mas estava melhor que em toda minha vida. Lembro-me que na sétima série fui aluno destaque e tirava as maiores notas da sala, em história então a minha era quase sempre a maior. Havia aprendido a amar história na quinta série com um professor muito legal que planejava aulas totalmente interativas e fazia peças teatrais dos acontecimentos com os alunos. Desde então, meu amor pela história só aumentou, o que mexeria bastante com a minha cabeça no futuro quando fui optar por um curso na faculdade.

A sétima série foi a melhor para mim, fui aluno destaque, do clube de xadrez e era respeitado por todos, além do mais, havia completado minha coleção de figurinhas que vinha no salgadinho.

Na oitava série não foi muito diferente, mas as coisas começaram a mudar um pouco, já não era mais aluno destaque, existiam outros garotos melhores no xadrez do que eu e mais uma vez o fantasma da matemática voltava a me assombrar. Não cheguei a ficar para recuperação, mas só passava raspando. Acho que a única coisa que não havia mudado era o meu amor pela História. Seguiu assim até o fim do ano, onde fui aprovado e concluí o ensino fundamental, o que também me abateu um pouco, pois novamente mudaria de colégio e não veria mais meus amigos do ensino fundamental. Quando terminei o ensino fundamental, foi

meio que um misto de dever cumprido com final de jornada, onde havia transposto uma etapa importante da minha vida, mas nada seria como antes, a começar pelos meus amigos que eu não veria mais, uma vez que alguns iam trocar de colégio também.

O próximo passo era o ensino médio, e eu estava um pouco ansioso para o início das aulas. Lembro-me que fui para o mesmo colégio que meu pai havia estudado na minha idade, de onde saiu com o curso técnico em eletrônica, já que no tempo dele eram duas opções, ou o científico ou o técnico. Eu estava bastante a fim de apagar o ensino fundamental da cabeça e procurava não lembrar o passado - creio que como uma forma de defesa para não sofrer com o mau chamado saudade e morrer em minhas lembranças. Meu primeiro impacto foi bom em relação à escola e aos professores, e até reví um colega antigo dos tempos de oitava série, o que me deixou um pouco mais animado. Em termos de conteúdo, houve um significativo avanço, nas matérias no geral, nas quais eu ia razoavelmente bem, apesar de continuar apanhando em matemática, eu deslanchava em história.

Porém, comecei a ter aulas de biologia com uma professora japonesa, bastante exigente e que passava trabalhos absolutamente complicados e onerosos para nossos bolsos, pelo menos para o meu. Primeiramente, tivemos que fazer um dicionário com mais de oitenta palavras usadas na biologia, isso não era muito complicado, o difícil era encontrar ilustrações (coloridas) para todas as oitenta palavras e compilá-las em formato de livro, tudo junto para entregar para a professora. Obviamente que ninguém da turma deu conta do trabalho, em todos os grupos faltava palavras ou gravuras ou os dois juntos, eu mesmo nunca encontrei ilustrações de algumas palavras pedidas por elas, resultado: noventa e oito por cento da turma de recuperação em biologia, e eu infelizmente fazia parte dessa estatística. A tragédia só não foi maior porque havia ficado para recuperação em física e em inglês também, o que ironicamente tirou o foco da bronca dos meus pais sobre mim em relação a minha baixa nota em biologia.

No segundo bimestre a tragédia foi menor por dois motivos. Primeiro porque eu havia ficado “só” em duas disciplinas ao invés das três da do primeiro bimestre, segundo que havia passado em biologia, não havia recuperado minha nota, mas tinha passado, e para mim era o que importava.



No terceiro, o martírio persistiu e minhas notas continuaram não tão satisfatórias, o que poderia ter sido pior já que eu não tinha ficado para recuperação em biologia. O que me servia de consolação era que meus “já” amigos estavam sempre ao meu lado. Todos de recuperação junto comigo, o que de certa forma era mais reconfortante já que um ria da tragédia do outro. Então, no quarto bimestre, juntei forças e tentei estudar de verdade como nunca havia feito antes, o que, assim como na sexta série, não resultou em muita coisa, mas no fim deu tudo certo e consegui passar de ano, eu e meus colegas.

Já no segundo ano do ensino médio, minha saga permaneceu quase a mesma. Minha turma esteve junta no meu segundo ano e meus colegas permaneceram comigo, o que aumentou nossa amizade. Nesse período eu ainda não sabia o que iria fazer da minha vida, não havia pensado sério a respeito, mas também não estava preocupado, o que me fazia pensar bastante no futuro sobre o tempo que perdi não pensando sobre o que faria.

Em física as coisas começaram a se parecer com matemática, eu tentava estudar, me concentrava nas aulas, mas não conseguia aprender nada, no máximo alguns pontos ou outros. No mais minha situação continuava a mesma em matemática e a essa altura eu já havia desistido de entender os números e começava a aceitar meu destino nas humanas, e isso permaneceu até o fim do ensino médio. No final do primeiro ano fiz a prova do PAS (programa de avaliação seriada), eu realmente não havia estudado nada, porém fiz a prova toda. Na época, não sabia que uma resposta errada anulava uma resposta certa, então equivocadamente eu marquei todas as alternativas. Mas milagrosamente eu fui bem e tirei uma nota razoável na prova. Claro que devo boa parte desse resultado aos conhecimentos que adquiri lendo e ouvindo tudo que consegui ao longo da vida, mas confesso que fiquei feliz com a minha nota, já que eu não havia estudado e tinha ficado para recuperação o ano todo na escola.

No segundo ano fui parecido, eu não estudei para a prova do PAS e marquei todas as questões, novamente por falta de informação perdi alguns pontos, mas consegui uma razoável nota, não como a do primeiro PAS, mas consegui. No terceiro ano do ensino médio foi que caiu a ficha de que eu realmente precisava estudar mais e me concentrar nos meus objetivos, apesar não saber quais eram. Eu

sabia que deveria fazer uma faculdade, de preferência uma que eu não precisasse pagar, já que não tinha condições suficientes para tal empreitada e um diploma de curso superior me diferenciaria dos demais “concorrentes” no mercado de trabalho. Foi então que no meio do terceiro ano fui atrás de um cursinho para o vestibular, o que posso afirmar que, com toda a certeza, me ajudou.

Nunca havia feito cursinho para nada, e levava um ritmo de estudo até razoável onde pela manhã eu frequentava a escola e a passava a tarde toda ficava no cursinho. E estudava todas as disciplinas com professores formados pela Universidade de Brasília, e isso me dava ainda mais animo para estudar. Confesso que nunca tinha pensado antes na UnB, sabia que era a única Universidade de Brasília e que não precisava pagar mensalidade por ser pública, além de ser muito boa e respeitada, mas, apenas a partir do terceiro ano, comecei a olhar para ela com um olhar diferente. E à medida que o tempo foi passando eu sabia cada vez mais que precisava entrar nesse lugar, primeiro para continuar meus estudos e segundo porque tinha boa fama e eu não precisava pagar.

A data da prova se aproximava e eu continuava meus estudos, o que consegui conciliar tranquilamente com o trabalho, já que saía bastante com o meu pai para ajudá-lo a entregar mercadoria. Ele é vendedor e desde os doze anos eu saio com ele para trabalhar, o que sou muito grato ao meu pai, pois com ele aprendi o valor do trabalho, independente de ser obtido por meio intelectual ou manual. Ele sempre dizia que o trabalho dignifica o homem e é a mais pura verdade.

No dia da inscrição para a terceira etapa do PAS, devia marcar o curso que iria fazer. A princípio estava disposto a marcar História, que era a minha grande paixão, mas sabia que não tinha nota para passar devido ao meu desempenho nas outras etapas. Dessa forma, achei melhor não arriscar já que não sabia como me sairia na última etapa. Conversando com minha mãe, percebi que existiam outras opções de cursos que eu poderia escolher, uma vez que estava perdido no que eu ia fazer. Então foi em uma dessas conversas que ela me apresentou á pedagogia, dizendo que o pedagogo pode trabalhar em diversos cargos dentro de um colégio e não ficar restrito á sala de aula como o professor de história. Ela me disse também que eu poderia trabalhar em alguma empresa como pedagogo empresarial, o que a principio me deixou bastante curioso e um pouco reflexivo. Eu sabia que aquelas

conversas com a minha mãe haviam sido vitais no processo de escolha do meu futuro.

Estava decidido, marcaria pedagogia e estava disposto, como em boa parte da minha vida, a dar a cara á tapa. Sem medo do que me aguardaria no futuro, marquei pedagogia no turno diurno.

Lembro-me que, boa parte dos meus amigos que iriam fazer a prova marcou geografia, biologia, matemática, física, engenharia e comunicação social que e ninguém havia marcado o mesmo curso que eu. Admito que fiquei um pouco sem graça quando me perguntavam qual curso eu havia marcado e, assim que eu falava, logo começavam a me perguntar o que eu iria fazer da vida com Pedagogia. Eu respondia eu que poderia trabalhar em escolas e exercer diversos cargos. Eu não ligava para os comentários, na verdade estava mais concentrado no meu futuro e pensando sobre minha vida. Não à toa, ficava tenso e me pegava reflexivo sobre toda a situação.

Finalmente, chegara o dia da prova e eu estava otimista para fazê-la. É claro que estava um pouco ansioso, mas estava razoavelmente confiante. Havia chegado ao meu local de prova com meia hora de antecedência, assim como milhares de outros alunos, em busca do seu sonho, aguardavam a abertura dos portões junto comigo. Recordo de olhar para alguns rostos e tentar decifrar que curso que ela ou ele iriam fazer e torcendo para que nenhum deles fosse para pedagogia.

A prova estava um pouco complicada. Na parte de língua estrangeira eu tinha marcado espanhol, por entender bem o idioma. Fiz a primeira parte com relativa facilidade, em seguida fiz geografia, história, algumas de biologia, artes e algumas de matemática, física e demais cálculos. Sei que das cento e vinte questões da prova, eu tinha marcado umas cinquenta. Mas com certeza tinha acertado a grande maioria das questões e tinha a sensação de que eu me saíra bem. Lembro-me que no dia seguinte todos os alunos da minha sala tinham levado a prova para corrigir uns com os outros, já que o gabarito oficial só sairia dois dias depois da prova.

Para minha surpresa eu tinha saído muito bem nas minhas marcações, corriji a prova com os alunos mais inteligentes da sala, da qual, infelizmente, nunca

fiz parte e descobri que eu havia acertado quase todas as questões, incluindo espanhol que eu me saíra muito bem. Fui para casa com um misto de felicidade e ansiedade, sabendo que era provável que eu tivesse passado, pois vira a nota de corte dos últimos vestibulares e PAS e pelas minhas notas anteriores eu tinha me saído bem e teoricamente estava dentro. A prova foi realizada no dia três de dezembro e o resultado sairia dia treze de janeiro, o que me deixou nenhum pouco confortável durante esse tempo. Fui sucumbindo á ansiedade até o tão esperado dia. Nesse meio tempo pensei sobre tudo na minha vida, sobre minha trajetória escolar até o dia da prova, pensei que se tivesse estudado mais talvez estivesse mais seguro na prova e teria me saído melhor, ou até marcaria outro curso mais “pesado”.

No dia treze de janeiro liguei o computador já pensando no pior, pensando que se não tivesse passado teria que fazer algo da minha vida, teria que arranjar um emprego de dia e fazer alguma faculdade à noite. Comecei a pensar que curso faria e que desculpa daria aos meus pais por não ter passado. Quando olhei no site do CESPE, meu nome estava lá, era eu mesmo, Felipe Marcel Seabra de Matos entre os aprovados. Instintivamente saiu uma lágrima dos meus olhos e fiquei tranquilo por não ter que pagar mensalidade no meu curso superior.

Meus pais, obviamente, ficaram orgulhosos de mim. Eu, particularmente, também fiquei, e sabia que tinha potencial para passar, porém como eu tinha passado era outra história. Fui motivo de orgulho na família, pois era o primeiro a entrar em uma Universidade Federal em, sei lá, quinhentos anos. Estava com a sensação de dever cumprido, havia executado conforme o script, e estava mais uma vez dando um grande passo na minha vida. Não sabia ao certo o que era pedagogia ou o que eu iria estudar na UnB, mas sabia que estava dando um grande passo, isso eu sabia.

As aulas estavam marcadas para começar no dia dezesseis de março, um dia antes do meu aniversário de dezoito anos, o que pode parecer frescura, mas me deixava mais orgulhoso ainda por entrar antes dos dezoitos anos na faculdade. Definitivamente eu estava entrando em algo novo, viajando em águas desconhecidas, era um marinheiro de primeira viagem, não sabia quase nada a respeito da UnB ou da Faculdade de Educação, mas estava disposto a descobrir.

Realmente para mim era um grande passo dado, não só por ter mais anos de estudos garantidos e estudar em um lugar respeitado, mas todos a minha volta me respeitavam me olhavam com orgulho e apreço. Pela primeira vez fui visto de uma forma diferente do que era antes, e meus parentes queriam conversar mais comigo do que de costume. Percebi, em especial, uma grande felicidade por parte do meu pai, uma mistura de orgulho e alívio, eu sabia no meu interior que não tínhamos condições de pagar uma faculdade particular, a não ser que eu arranjasse um trabalho que pagasse direito e conseguisse pelo menos uma porcentagem de desconto em uma bolsa de estudos.

Tempos depois uma moça da faculdade Anhanguera me ligaria dizendo que havia conseguido cinquenta por cento de desconto no curso de comunicação social devido à prova do ENEM que fiz pouco tempo depois do PAS. Fiquei lisonjeado com a situação, mas tive de recusar, já que havia ingressado na Universidade de Brasília.

Foi uma situação bastante diferente a que vivi quando saí da Faculdade de Educação com a minha matrícula efetivada. Era um lugar diferente, digo que até estranho, ver outros alunos na mesma situação que eu me fazia me sentir um pouco mais normal, foi uma situação ímpar e percebi pelo rosto da minha mãe o tamanho de sua felicidade. Eu estava feliz por ela estar feliz. No dia dezesseis de março, às oito horas da manhã, estava eu nos pavilhões, onde ia pegar a disciplina de antropologia da educação. Era uma segunda-feira e minha primeira aula, aonde infelizmente cheguei atrasado, já que me perdera no caminho para chegar lá. Confesso que minha primeira impressão foi boa, pois afinal de contas não é todo dia que você entra em uma sala cheia de mulheres, e só você e outros dois caras são homens.

Fomos apresentados à professora, onde ela explicou a ementa e o que veríamos na disciplina, em seguida todos os alunos se apresentaram e disseram o que esperavam da matéria e do curso, além de dizerem por que escolheram a pedagogia. Quando chegou minha vez de falar, eu disse meu nome, minha idade e que não sabia o que esperava da disciplina, mas que estava curioso para conhecer, depois disse que tinha escolhido pedagogia primeiramente por não ter nota para passar em história, o que causou algumas risadas das meninas e que obviamente eu gostei e completei minha resposta dizendo que conhecia um pouco o trabalho do

pedagogo e que queria trabalhar com educação de uma forma geral, depois os outros alunos se apresentaram e assim se deu a primeira parte. Ao fim disso a professora saiu da sala e um grupo de alunos entrou, sem duvidas eram veteranos e queriam fazer algum tipo de brincadeira conosco, o que me deixou de orelha em pé, pois se fosse trote eu iria ter que usar da violência para me defender, o que com certeza não hesitaria.

Nunca fui um cara brigão, mas, se a situação realmente pedisse, eu brigaria até onde pudesse ou alguém separasse. Mas o objetivo deles era outro, eles queriam fazer algum tipo de brincadeira conosco para quebrar o gelo o que foi bem legal da parte deles, mas eu não queria ficar na brincadeira e fui para casa, já que naquele dia não teria mais aula. No dia seguinte, lá estava eu na UnB, desta vez a aula era na FE. Peguei aula com um professor de uns setenta anos que dava aula de tópicos da diversidade ou algo assim. Era tudo algo novo para mim, outro universo, onde eu conhecia pessoas diferentes de lugares diferentes com visões diferentes de mundo. Tive aula com professores brilhantes que tinham um conhecimento invejável, nunca tinha visto um professor da rede publica de ensino falar como os professores da universidade. O mistério para mim estava posto e desvendado: Eu estava tendo aula com mestres do saber, o que me tornava um privilegiado.

À medida que eu fazia minha caminhada, um novo mundo se abria para mim. Conhecia a universidade e entendia como ela funcionava, percebia as diversas nuances e como ela era constituída: Ensino, pesquisa e extensão. Percebi que a UnB era como uma cidade própria que criava vida, onde suas regras e leis funcionavam direito, o corrupto era punido e a democracia existia realmente. É claro que nem tudo é perfeito, mas se a sociedade brasileira fosse como a UnB, seria uma evolução fantástica, não uma evolução, uma revolução. Os semestres iam passando e a partir do terceiro eu já estava totalmente ambientado, conhecia todos os pontos e festas da universidade, minha rede de amigos aumentou apesar de manter ainda os do ensino médio, cujo eu era um dos poucos a entrar na UnB no final do ano anterior. Enfim, já nem me espantava mais ao ver mulheres dando demonstrações de afeto em publico, o que não vemos comumente nas ruas do Distrito Federal.

Sem sombra de duvida a universidade abre sua mente, amplia sua visão de mundo e, pelo menos para mim, escancara que quase tudo na sociedade é um jogo de cartas marcadas, onde o governo nega ou oculta informação, direito e conhecimento às pessoas, tudo para manter o status quo, continuarem no poder e manter o mesmo padrão das coisas, onde o ideal de sociedade é o homem branco, rico, heterossexual e cristão. Sou homem branco e heterossexual, só não sou rico e nem cristão. Além disso, conheci um pouco mais sobre movimento estudantil e como ele age na Universidade, além dos movimentos negros que são bastante participativos. É interessante se deparar com visões diferentes, com o outro lado da moeda. Sei que meus antepassados, por parte de mãe, foram donos de escravos no estado da Bahia, o que me deixou pensativo sobre o destino do país de como caminha a humanidade. Talvez aquele meu amigo negro fosse descendente de um escravo que meu ancestral materno escravizou, chicoteou e humilhou. E lá estamos nós, eu e ele, amigos. Sem sabermos do mesmo passado que descendemos.

A Universidade nos mostra as perversidade escondidas nos meandros no estado vigente, entendemos porque não se ensina, realmente, filosofia e sociologia nas escolas da rede publica e o que se é passado é um conteúdo chato e enfadonho: justamente para sairmos com esse pensamento dessas matérias e considerá-las sem sentido para nossas vidas. Quantos colegas meus saíram da Educação Básica pensando assim dessas disciplinas.

Sempre participei de projetos escolares no ensino médio, tínhamos vários, o que era bem legal para sair da rotina, mas quando conheci o projeto Rondon na UnB, minha vida mudou. Peguei a disciplina já tendo conhecimento de como era mais ou menos, pois tinha amigos que já a tinham cursado. As aulas teóricas foram no ICC sul e reuniam alunos de todos os cursos, o que é bom para conhecer olhares e perspectivas diferentes. Primeiro fizemos oficinas durante as aulas, planejando palestras de como seria levar conhecimento e informação de diversos assuntos para pessoas que não tem acesso à elas. Depois de quase um semestre “treinando” pudemos fazer a opção de viajar ou não. No meu caso eu estava bastante interessado em ir, pois queria colocar em prática tudo àquilo que treinei e aprendi durante o semestre.

Então foi montada uma equipe com os alunos que estavam interessados em viajar e começamos a nos planejar. O destino? Santa Catarina. Iríamos para o interior do estado, na fronteira com a Argentina, o que para mim era o máximo, se tratando de conhecer lugares novos. Bem, não vou me prolongar muito na minha experiência de vida chamada Projeto Rondon, mas posso dizer que dei palestras sobre bullying, sexualidade, direito das mulheres dentre outros. Crianças e jovens foram meu principal público, mas a cidade inteira de Guarujá do Sul, no oeste do estado nos abraçou, foi a experiência mais mágica que participei. Tudo deu certo: A viagem de dois dias no ônibus, a receptividade das pessoas da cidade, as oficinas e a nossa volta. Tudo deu certo.

Paralelo a isso estava fazendo o projeto obrigatório da Faculdade de Educação em Economia Solidária e Educação com a professora Sônia, o que particularmente me deixou bastante interessado para trabalhar no futuro em minha monografia. Fiz o projeto três inteiro e o quatro com ela. Trabalhamos na organização e na reforma da Associação Atlética de Santa Maria, uma parceria que fizemos e que deu bastante certo.

Quando entrei na Pedagogia, eu não sabia ao certo qual seria meu assunto de monografia, nem o público que eu trabalharia. Porém, tudo mudou quando conheci as aulas de alfabetização de jovens e adultos que essa mesma Associação oferecia. Esta foi a hora em que eu passei a ter certeza de que era isso mesmo que eu trabalharia. E eis que estou aqui escrevendo este memorial, depois de tantos semestres, de tantos aprendizados e ganhos, e posso dizer que encontrei minha vocação na educação.

Depois de ouvir de muitos que a Pedagogia só servia para limpar bumbum de criança, finalmente encontrei meu farol dentro da área da educação, e posso dizer com propriedade que ser pedagogo é muito mais do que simples cuidados de crianças. Ser pedagogo é ser educador, pronto para lidar e ajudar pessoas de todas as idades a ter sucesso no seu processo de ensino/aprendizagem. Eu sabia que não seria fácil e nem rápido, mas sabia que encontraria algo, e esse algo se chama Educação de Jovens e Adultos.



Toda minha experiência na Associação Atlética de Santa Maria foi não só primordial para a base legal do meu trabalho, mas de grande prazer e valor inigualável. A vivência com os alunos de Educação de Jovens e Adultos mostrou outra realidade da qual eu ainda não conhecia, já que foi minha primeira experiência significativa com sala de aula, onde assumi e planejei conteúdos ligados à alfabetização juntamente com mais outra aluna que foi de fundamental importância para o desenvolvimento do trabalho, sem ela não obteria êxito nas aulas ministradas.

A prática docente com uma turma de EJA é uma experiência não apenas acadêmica, mas de vida. Conhecem-se pessoas com histórias de vida inacreditáveis e que possuem um saber prático de o que realmente é a vida, pessoas de varias partes do país e que vieram e venceram em uma terra que prometia oportunidades. Acima de tudo, guerreiros e guerreiras, pois levantar cedo numa região administrativa do Distrito Federal e pegar ônibus para trabalhar nas Asas sul e norte não é pra qualquer um.

Trabalhar com pessoas mais velhas que você e que teoricamente sabem menos que você, te transforma e abre seus olhos para o tamanho da vida, a dimensão infinita que ela é, e que a vida acadêmica não é nada perto da vida dos trabalhadores que se dispõem a estudar a noite. Para algumas pessoas, como eu, que não conhecem o local onde avôs e avós que nasceram e foram criados no nordeste brasileiro, fica um misto de pertencimento e negação sobre suas origens.

Sei bem que meus ancestrais habitaram o estado do Maranhão e o estado da Bahia, e posso afirmar que sei algumas informações destes estados como clima, vegetação, capitais e um pouco do próprio povo que o compõem. Mas dizer que sei como é a vida dura do sertanejo, isso não posso dizer, nunca estive lá (pretendo conhecer o estado do maranhão no futuro), não posso afirmar julgamento algum perante região alguma. Não conheço o drama da seca, não sei como é viver com pouca água, tendo de racioná-la para sobreviver, tão pouco entendo como funciona a vida na caatinga, cuidar do gado, ou pegar água no poço. Mas meu avô sabia, sabia cuidar do gado e sabia outras coisas já que fora vaqueiro no nordeste antes de vir construir Brasília. Veja que em questão de duas gerações todo esse pertencimento, essa ligação com a terra, esse saber rural foi perdido, talvez para

sempre em minha família, pois nem meu pai sabe o que meu avô sabia fazer no campo.

Ao mesmo tempo em que busco encontrar esse elo de identidade sertaneja e vida moderna urbana, vejo que as respostas que procuramos na vida, às vezes aparecem em “simples” momentos. Alfabetizar um grupo de EJA, vendo que suas histórias de vida são tão parecidas com a do meu próprio avô me faz assumir uma responsabilidade maior, uma responsabilidade que antes não conhecia, são pessoas que vieram, lutaram e venceram. Assim como meus ancestrais e como a própria história da humanidade, que é marcada por migrações e dificuldades e escrita com sangue e suor. Tenho mais que um dever moral, social e cidadão quando entro em uma sala de aula, tenho um pertencimento e uma ligação com essas pessoas, pois quando as vejo, enxergo a mim mesmo.

## **SEGUNDA PARTE**

### **RELATO DE EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA EM EDUCAÇÃO POPULAR**

Ao aprofundar na vasta teoria de Paulo Freire sobre a educação, percebemos que o professor, além de ser um dos atores da Educação, não se limitando ao campo da aprendizagem, também esta à frente do processo educativo. Ele escolhe qual campo é o de sua preferência, quais saberes são os mais importantes para a formação de seu aluno, qual técnica é a mais eficiente.

Mas ao invés de se perceber como o mais sábio entre todas as pessoas que se encontra nesse espaço, o caminho proposto nesse trabalho como o ideal para a formação de professores é o inverso. É o perceber-se pouco sábio, o exercício do não saber, e nunca saber o suficiente como motor propulsor do conhecimento. O conhecimento está sempre em mudança, pois o mundo não está parado, e o professor deve se reconhecer como sempre aprendiz, o que lhe confere a condição de sempre ter que procurar aprender sempre mais e de formas distintas, o que é muito rico ao exercício do não saber.

A Filosofia se propõe então nesse processo, de ser um espaço do reconhecimento do não saber. Espaço de reconhecimento ou desconhecimento de si, o que ocasiona o pensamento de que não se é o maior detentor de nada. O exercício de reconhecer-se sempre com pouco saber é a condição para sempre aprender, pois só se permite aprender aquilo que não sabe. Aprimoramento é diferente de aprendizagem.

A autossuficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não tem humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de pronúncia do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito a caminhar para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais. (FREIRE, p. 46, 1994)

Como professor, e principalmente na fase inicial das crianças, esse pouco saber se torna útil ao aprender com elas. Ao perceber que elas, ao saberem pouco, têm muito mais a ensinar, do que o professor com tantos preconceitos e dogmas. São dois seres que sabem pouco em busca da verdade, do conhecimento, e através desse exercício, então, aprendem. Mas não só aprendem como exercitam a criatividade, a inovação, seus conceitos, sua significação de mundo.

A formação de professores então, deve se propor a ser um exercício, e não um teste de métodos e conceitos, mas um exercício de práticas, teorias, desconstruções, que permitam a crítica, o pensamento e a escolha.

## **CAPÍTULO 1**

### **1. TRABALHANDO A TEORIA SOBRE EDUCAÇÃO POPULAR, EJA E ALFABETIZAÇÃO.**

Devemos nos perguntar sempre o que é a educação popular, qual a sua função na educação e como não apenas usá-la, mas, ao agir por meio dela, procurar formas constantes de aperfeiçoamento - ao contrário de tentar achar uma fórmula mágica e aplicá-la em adultos ditos “ignorantes” para conseguir objetivos ditos

“satisfatórios”. A educação popular deve ser antes de qualquer coisa, transformadora, prática, objetiva e, partir do mundo real, não só dos educandos, mas de todos nós, uma vez que o homem sozinho não transforma nada, mas se transforma em comunhão com os outros homens.

Digo que a educação popular deve passar por constantes transformações porque tudo que é estático, parado, “verdade absoluta” deve ser questionado, pensado e reavaliado. Devemos seguir as ideias de Paulo Freire não apenas imitando seus ensinamentos, mas aperfeiçoando seu método de alfabetização.

Isto significa então que, ao escrever, não posso ser um puro narrador de algo que considere como um *fato dado*, mas, pelo contrário, tenho de ser uma mente crítica, inquieta, curiosa, constantemente em busca, admitindo-me como se estivesse com os leitores, que, por sua vez, devem recriar o esforço de minha busca. (FREIRE, p. 87, 1981)

Ao percebermos isso, recai sobre nós o peso da responsabilidade, o peso da desigualdade, o peso da covardia e do atraso de mais de quinhentos anos de Brasil, onde a educação, na maior parte das vezes, é colocada em segundo plano e envolta numa mística que afirma como única a educação da classe dominante.

Quando falamos em educação popular, falamos inevitavelmente em alfabetização de jovens e adultos, parcela essa que compõem majoritariamente a educação popular. E são, justamente, esses mesmos jovens e adultos, que não sabem, muitas vezes, escrever o próprio nome ou ler um cartaz de out door, que construíram nosso país com sangue e suor. Foram esses mesmos jovens e adultos, cujos muitos deles totalmente ou semianalfabetos, que cultivaram cana de açúcar no início de nossa colonização e enriqueceram os bolsos dos senhores de engenho. Foram esses mesmos jovens e adultos analfabetos que plantaram e colheram o café nas grandes fazendas dos cafeicultores paulistas, lapidaram quase todo ouro de Minas Gerais para a riqueza da coroa portuguesa. Esses jovens e adultos cortaram o látex dos seringais na Amazônia para, mas uma vez, encher de dinheiro os já endinheirados barões da borracha.

Ensino, instrução, conhecimento, alfabetização, educação, palavras que eles e elas não conheciam e se conhecessem era de ouvir falar, ouvir falar dos filhos dos senhores que iam estudar na Europa voltando anos depois como doutores, para depois perpetuarem o sistema. Se estes se enriquecem assim, por que mudar?

Obviamente que nos causa um mal estar em saber da dura e crua realidade do que compõem o passado do nosso país, mas só entenderemos nosso presente – econômico, político, social - e o analfabetismo crescente no Brasil, se destilarmos o passado.

Somos absolutamente resultado direto de nossa colonização e ausência do estado, não um estado paternalista com o dever de cuidar do seu povo, mas um estado que cumpra o seu papel dignamente e que faça o que um estado tenha que fazer, afinal de contas é seu dever dele. E é, muitas vezes, com esse sentimento de dever e ocupando um espaço vazio causado pela omissão do estado, que não só os pedagogos, como os demais professores, trabalham com educação popular e procuram fazer mais do que um resgate histórico do nosso povo, procuram resgatar a cidadania e a democracia perdida. Todos os movimentos que combatem o analfabetismo no Brasil, do menor ao maior, do melhor financiado ao pior gerido, eles são os verdadeiros heróis que, mais do que resgatar nossa história, também a transformam.

A Educação Popular é uma educação comprometida e participativa orientada pela perspectiva de realização de todos os direitos do povo. Não é uma educação fria e imposta, pois se baseia no saber da comunidade e incentiva o diálogo (INSTITUTO PAULO FREIRE, 2013). Não é educação informal, porque visa à formação de sujeitos com conhecimento e consciência cidadã e a organização do trabalho político para afirmação deste sujeito. Porém, segundo Gadotti (2008, p.32), a educação popular, assim como a educação não formal, esteve principalmente vinculada a organizações não governamentais, partidos políticos, entre outras, organizadas onde o Estado se omitiu e, muitas vezes, organizada em oposição à educação oficial. É uma estratégia de construção da participação popular para o redirecionamento da vida social.

A principal característica da Educação Popular é utilizar o saber da comunidade como matéria prima para o ensino. É aprender a partir do conhecimento do sujeito e ensinar a partir de palavras e temas geradores do cotidiano dele. Este movimento dinâmico é um dos aspectos centrais, segundo Paulo Freire, do processo de alfabetização, onde as palavras com que organizar o programa de alfabetização deveriam vir do universo vocabular dos grupos populares, expressando sua real

linguagem, os seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações, os seus sonhos. Vindo, portanto, de fato, carregada de significação de sua experiência existencial e não da experiência do educador (FREIRE, p. 20, 1997)

Segundo Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, (1994) Educação é vista como ato de conhecimento e transformação social da sua realidade (FREIRE, p. 52, 1994), tendo cunho político, na medida em que conscientiza (FREIRE, p. 11, 1994). O resultado desse tipo de educação é observado quando o sujeito pode situar-se bem no contexto de interesse.

A educação popular pode ser aplicada em qualquer contexto, mas as aplicações mais comuns ocorrem em assentamentos rurais, em instituições socioeducativas, em aldeias indígenas e no ensino de jovens e adultos. Como uma concepção geral da educação, a educação popular, via de regra, se opõem à educação de adultos impulsionada pelo Estado, e tem ocupado os espaços que a educação de adultos oficial não levou muito à sério (GADOTTI, p. 32, 1941)

Segundo Paiva (2003), com o nacionalismo dos anos 1910, surge os anseios de universalização do ensino elementar e de ampliação das oportunidades educacionais para o povo (PAIVA, p. 105, 2003), porém, bastante ligada, entre outras variáveis como o preparo para o domínio das técnicas de produção (CUNHA, 1999), à desejada difusão da instrução popular devido à restrição ao voto do analfabeto. Na década de vinte, mais especificamente após a semana de arte moderna e, posteriormente, com os manifestos da Escola Nova, intelectuais falavam em uma educação popular que fosse direito de todos. Em meados da década de 30, finalmente começa a se consolidar um sistema público de educação elementar no país. A sociedade brasileira passava nessa época por grandes transformações, associadas ao processo de industrialização e concentração populacional em centros urbanos (êxodo rural). Neste contexto, CUNHA (1999), afirma que com o desenvolvimento industrial, no início do século XX. Inicia-se um processo lento, mas crescente, de valorização da educação de adultos.

A ampliação da educação elementar foi impulsionada pelo Governo Federal, que traçava diretrizes educacionais para todo o país. O movimento incluiu esforços articulados nacionalmente de extensão do ensino elementar, aos adultos. Nos anos

40, com o fim da ditadura de Vargas, em 1945, e o país vivendo a efervescência política da redemocratização, a educação de adultos define sua identidade tomando a forma de uma campanha nacional de massa.

A criação da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) foi marcada pela solicitação, por parte dos seus integrantes, por uma alfabetização da população adulta analfabeta. A Campanha de Educação de Adultos, lançada em 1947, pretendia, numa primeira etapa, uma ação extensiva que previa a alfabetização em três meses, e mais a condensação do curso primário em dois períodos de 7 meses. Nos primeiros anos, sob a direção do professor Lourenço Filho, a campanha conseguiu resultados significativos. Entretanto o clima de entusiasmo começou a diminuir na década de 50: iniciativas voltadas à ação comunitária em zonas rurais não tiveram o mesmo sucesso e a campanha se extinguiu antes do final da década. As críticas à Campanha de Educação de Adultos voltavam-se tanto às suas deficiências administrativas e financeiras quanto à sua orientação pedagógica, pois os professores viam os analfabetos como pessoas incompetentes, incapazes e marginalizados psicologicamente e socialmente (CUNHA, 199). Essa visão foi modificada antes mesmo do final da campanha.

Mais tarde, com o governo de Juscelino Kubitschek (1956 a 1961) e de João Goulart (1961 a 1964) e o advento da industrialização no Brasil com a chegada de capital estrangeiro, a limitação da educação tornou-se um problema e passou a ser necessário instruir o povo para expandir o capital.

Foi nesse contexto que apareceu o Movimento de Educação de Base (MEB), um programa governamental de alfabetização criado em 1961 pela Confederação Nacional de Bispos do Brasil (CNBB). Esse foi o marco do início da história da educação popular no país. Os anos seguintes seriam ainda mais fundamentais: foi nessa fase que o educador Paulo Freire modificou o caráter apenas alfabetizador da educação popular e passou a trabalhar também com a conscientização crítica e libertadora do educando. Com o golpe militar de 1964, os programas de alfabetização e educação popular que se multiplicaram no período entre 1961 e 1964 foram vistos como uma grave ameaça à ordem e seus promotores duramente reprimidos. O governo só permitiu a realização de programas de alfabetização de

adultos assistencialistas e conservadores até que, em 1967, ele mesmo assumiu o controle dessa atividade lançando o Mobral – Movimento Brasileiro de Alfabetização.

O Mobral era a resposta do regime militar à ainda grave situação do analfabetismo no país (CUNHA, 1999). Em 1969, lançou-se numa campanha massiva de alfabetização. Durante a década de 70, o Mobral expandiu-se por todo o território nacional, diversificando sua atuação. Das iniciativas que derivaram do programa de alfabetização, a mais importante foi o PEI - Programa de Educação Integrada, que correspondia a uma condensação do antigo curso primário. Este programa abria a possibilidade de continuidade de estudos para os recém-alfabetizados. Porém voltado para a população de 15 a 30 anos, objetivando a alfabetização funcional – aquisição de técnicas elementares de leitura, escrita e cálculo, onde o sentido crítico e problematizador, tão abordado por Paulo Freire, não era valorizado.

É implantado o ensino supletivo, onde um capítulo era dedicado ao EJA, na Lei de Diretrizes e Bases 5692/71, reconheceu a educação de adultos como um direito de cidadania. A partir disto, o MEC implantou os Centros de Estudos Supletivos, que era tecnicista em demasia, beneficiando o treino, o conteúdo e a autoinstrução. Isto resultou em grande evasão e na cultura da certificação rápida (SOARES, p.28, 1999).

Em 1980, após permanecer no exílio por 16 anos, Paulo Freire volta ao Brasil. Em 1989, aceita o convite da prefeita de São Paulo, a então petista Luiza Erundina, para assumir a Secretaria de Educação. Durante o tempo que ficou na direção da pasta, o pedagogo criou o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (Mova).

O MOBREAL foi extinto em 1985 e, em seu lugar, foi criada a Fundação EDUCAR, que, na prática, funcionava seguindo a mesma lógica do antigo MOBREAL. Em 1988, o dever do Estado com a EJA foi ampliada através da promulgação da Constituição da República, onde a educação fundamental obrigatória e gratuita para todos passou a ser uma garantia.

Várias conferências organizadas pela UNESCO foram realizadas, o que cooperou bastante para que a década de 90 fosse cercada pelo reconhecimento da importância da EJA. Isto se refletiu nos diversos Fóruns EJA, em nível estadual –



com exceção de Roraima – que se espalharam pelo país, que, por meio da V CONFINTEA, resolveram ir para além de uma preparação de um documento nacional com diagnóstico, princípio, compromissos e planos de ação. Desta forma surgiu o ENEJA (Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos), que são encontros ocorridos anualmente para discutir a temática de Jovens e Adultos.

Com a nova LDB (Lei 9.394/96), onde a educação de jovens e adultos é colocada como superior a uma educação supletiva, e que deve ser oferecida a todos, garantindo-se a igualdade de acesso e permanência, respeitando as peculiaridades dos alunos trabalhadores.

Em 2000, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) promoveu o censo 2000, para averiguar o número da população brasileira (169.799.170 de habitantes). Para o nosso relatório, usaremos o número que poderiam compor o grupo da EJA, ou seja, as pessoas acima de 15 anos de idade (119.533.0481 de habitantes). Deste menor grupo, constatamos: 13,63% são analfabetos (16.292.354 habitantes).

Com esses dados, o Governo Federal junto ao Ministério da Educação (MEC) promoveu em 2003, como política pública, o programa Brasil Alfabetizado. O programa deveria promover o acesso aos brasileiros que não tiveram educação na idade apropriada e desenvolver “a cidadania e o despertar do interesse pela elevação da escolaridade” (BRASIL, 2003). O Programa foi implementado em todo Brasil, porém deu prioridade aos municípios que possuem mais 25% da sua população analfabeta. Dentro deste índice, 90% localizam-se na região do Nordeste.

O Programa Brasil Alfabetizado amplia o conceito de alfabetização. Em texto original “passa a ser concebida como uma porta de entrada para o processo de escolarização e educação continuada e não como linha de chegada.” Verifica-se a valorização dos saberes dos educandos, princípio retirado do ideal de educação de Paulo Freire. “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”.

Os alfabetizadores selecionados pelo MEC para assumir as turmas do EJA são, de preferência, da Secretaria de Educação que trabalhariam no horário oposto ao da Secretária, ou seja, fariam o terceiro turno. Mas também os concluintes do

ensino médio. Estes receberiam curso de qualificação adequada. Além de alfabetizadores, o programa contempla coordenadores e tradutor intérprete de Línguas Brasileira de Sinais (LIBRAS). A bolsa mensal recebida pelos alfabetizadores e interprete seria de 250 reais, já os coordenadores receberiam 500 reais.

Não há ainda números concretos para avaliar o impacto do Programa Brasil Alfabetizado, mas se vê a preocupação de desenvolver a alfabetização de forma contextualizada, utilizando jornais, revistas ou outros meios de comunicação presentes na sociedade. Essa discussão de didática da EJA é defendida por Albuquerque; Ferreira, 2008; Leal, 2008.

Porém a alfabetização ainda é pensada como apenas o domínio da leitura e escrita, que culmina em uma alfabetização funcional, fomentada pela falta de valorização da importância da superação de uma educação meramente quantitativa.

É preciso mudar esta visão, rumo a conscientização e sensibilização que beneficie uma educação significativa, baseada nos ideais de Paulo Freire onde, a leitura do mundo antecede a leitura da palavra (FREIRE, 1999, 20) e, a partir disso, educa-se valorizando a experiência coletiva, onde cada indivíduo aprende em conjunto mediatizados pelo mundo (FREIRE, 1994, 39). Desta forma, mais do que nunca, se torna possível uma educação cidadã, democrática, capaz de formar sujeitos, capaz de transformar a realidade.

Os dados sobre o número de analfabetos no Brasil, com seus altos índices, nós da uma sensação de que ainda muita coisa deve ser feita pra mudar esta realidade. Porém, mais do que pensar no que precisa ser feito, devemos, também, pensar em como podemos transformar esta situação. Como educadores graduados ou não em Pedagogia, temos a obrigação de refletir sobre a nossa prática, reconhecendo nossos erros, melhorando nossos acertos rumo a uma educação de qualidade. Para isso é preciso um conhecimento profundo das teorias existentes, nas quais escolheremos aquelas que nortearão nossa prática em sala de aula.

O capitalismo, como regime econômico, proporciona uma série de fatores sociais resultante do modo de produção, dentre esses está um comumente chamado desigualdade social. Este é também causado pela desigual distribuição de renda.

Observando esses fatores, percebemos que a desigualdade não se restringe somente ao campo econômico, mas se espalha em outros setores que compõe uma sociedade. O analfabetismo, a evasão escolar, e a precária instrução das escolas públicas são resultado direto dessa desigual distribuição de renda. Um adulto que, na infância, teve de abandonar a escola para ajudar os pais no roçado ou trabalhar para trazer mais dinheiro para dentro de casa, passou, obrigatoriamente, pela seleção desigual que determinou o tipo de educação que ele receberia. E isso, nada mais é, do que fruto de uma má distribuição de renda.

Esse mesmo adulto que abandonou a escola ainda no período de alfabetização, ou um pouco depois, resulta-se em um indivíduo que, infelizmente, ainda não é cidadão, não tem plena consciência dos seus direitos e deveres e nem as condições necessárias para ter acesso a eles. A dificuldade na leitura e na escrita, devida a pouca formação intelectual que recebeu, reflete-se também na em uma dificuldade para fazer a contas matemáticas, ou, pior, que não saiba da sua própria identidade cultural, da origem de seus pais. Esse mesmo adulto, como já foi dito anteriormente, é fruto de nossa história, da colonização, da oligarquia agrária, do nepotismo, dos coronéis do sertão, do voto de cabresto, da escravidão. Enfim, mais um filho do Brasil.

Como pedagogos devemos nos importar com a história de vida das pessoas, com o seu passado, com o como tem passado, com suas perspectivas de futuro, seja profissional ou não. Como dizia Paulo Freire, o educador é o profissional do sentido, que orienta e ajuda o educando a construir o conhecimento. É um animador, um organizador da aprendizagem e deve estar inserido em uma escola cidadã que ensina para e pela cidadania. Não basta ensinar o conteúdo programado, escrever no quadro o que eles já sabem ou não e cobrar provas, é preciso ir além. A educação precisa ir além, é preciso inovar, inventar, reinventar. Juntos construímos o conhecimento (OLIVEIRA, 2012).

Claramente que o diálogo é fundamental, sem ele não há uma integração entre educador e educando. É através dele que se constrói o conhecimento, portanto o diálogo e a discussão fazem parte da práxis pedagógica. Ao mesmo tempo encontramos também o amor, em seu livro *Conscientização*, Paulo Freire (2005) reitera a importância deste sentimento na construção do conhecimento,

O diálogo não pode existir sem um profundo amor pelo mundo e pelos homens, designar o mundo, que é ato de criação e recriação, não é possível sem estar impregnado de amor, o amor é ao mesmo tempo o fundamento do diálogo e o próprio diálogo, este deve necessariamente unir sujeitos responsáveis e não pode existir numa relação de dominação, a dominação revela um amor patológico: Sadismo no dominador, masoquismo no dominado, porque o amor é um ato de valor, não de medo, ele é um compromisso para com os homens (FREIRE, 2005)

Freire é brilhante quando afirma que sem compaixão pelo próximo e amor pelo mundo não é possível haver diálogo, e que a falta destes reflete perceptivelmente na educação bancária, onde nas palavras do próprio Freire o dominador sádico por usurpar e roubar a liberdade de vida do outro exerce uma perversa influência no dominado masoquista, que ao mesmo tempo não consegue se vir livre do dominador (FREIRE, 2005). Freire além de educador por profissão e filósofo por vocação foi um amante do mundo, amante do amor e do seu semelhante, pois só amando a educação e o processo de libertação do dominado é que se pode produzir palavras com um teor de beleza tão grande.

Durante muito tempo na história do Brasil, os analfabetos foram vistos como coitados e desafortunados e, algumas vezes, como “ignorantes” e “preguiçosos”, onde um estereótipo reforçava o outro. A falta de instrução, seja formal ou informal, revelou-se mais tarde como um grande problema. Os grandes donos de terra desse país corroboraram para a perpetuação desse sistema quando davam trabalho para as pessoas em suas propriedades, sendo, a grande maioria da produção, voltada para a exportação e para consumo próprio, enquanto que o pequeno excedente era para o consumo das famílias trabalhadoras. Plantava-se açúcar em massa, quando o solo já não estava bom para plantio, trocava-se para milho ou café, até os recursos se esgotarem novamente. Esse era o plantation. Sistema de produção proveniente do mercantilismo que tinha como objetivo atingir o mercado internacional com a maior porcentagem de lucro possível usando o menor gasto ou recurso necessário.

Esse tipo de economia encheu os cofres de nações como Portugal, França e Espanha. Dessa forma com mão de obra escrava indígena ou africana, os colonizadores europeus devastaram, plantaram, cultivaram e colheram safras e mais safras de produtos nativos que eram novidade nos mercados da Europa. No caso do Brasil especificamente, mesmo após a independência em 1822, o sistema funcional

do país continuou basicamente o mesmo, onde grande parte do povo morava no campo, seja em fazendas de produção ou senzalas, e a economia em seu modo de produção permanecia agroexportadora escravagista. Politicamente éramos independentes, mas social e economicamente ainda estávamos pelo menos um século atrasados em relação às treze colônias que viriam a se tornar os Estados Unidos onde, nesse mesmo período, começavam a surgir e a se desenvolver as grandes cidades como Nova York, Boston, Filadélfia e Nova Jersey.

Sem terem para onde ir após a abolição da escravatura, milhares de pessoas ficaram a mercê, sem assistência ou reparo pelos anos de escravidão, o que as obrigou a formarem favelas e palafitas nas periferias das cidades que existiam. Escola continuava a ser luxo e o analfabetismo imperava. As altas taxas de pessoas que não sabiam ler no final do século XIX chegava á assustadores 80%, que eram compostas estruturalmente pelos negros recém-alforriados, indígenas e mestiços. Os militares, comerciantes e membros da nobreza do ex-império brasileiro constituíam a outra parte do bolo.

A concepção de Educação Popular vem justamente com esse intento, essa sede e busca de um resgate não só histórico, mas também crítico-social, onde, através de processos contínuos e de renovação, o educando é o protagonista de sua educação e onde o aprendizado é voltado para sua realidade. Tomando isso como base, a educação de jovens e adultos é uma corrente intimamente ligada á educação popular. A educação de jovens e adultos tem um papel vital na reformulação e reestruturação do mapa do Brasil. Digo isso porque é através dela que séculos de exclusão, indiferença, racismo e abandono são, mesmo que um pouco, reparados. Quando se ensina um adulto ou um senhor aposentado a ler e a escrever, não é só o educando que dá um passo para frente, mas, além de ser uma vitória do professor é uma conquista de décadas de lutas pelo direito á dignidade, á cidadania, á igualdade, ao respeito e uma distribuição do saber, antes renegado e hoje compartilhado.

Não é só o educando que aprende quando pega um lápis e escreve seu nome numa folha de papel, mas também o professor que o ajudou nesse processo, pois ensinando se aprende, se inventa e reinventa o conhecimento, já que ele não é estático. Não é só o pai de família que vai com todas as dificuldades à noite para a

escola estudar que ganha ao aprender, mas toda a sua família que o apoia e o incentiva dizendo palavras de animo após um dia cansativo de trabalho. Não é só a mãe solteira, que trabalha fora e sustenta os filhos sozinha, que aprende quando escreve o nome de sua cidade no caderno pela primeira vez, mas sua mãe e avó, mesmo que já falecidas, por lutarem e batalharem para ter o que dar de comer para a filha, para que ela pudesse estudar e ter uma perspectiva de vida melhor que suas antecessoras, é uma vitória coletiva, ninguém ganha sozinho.

Ao mesmo tempo ninguém perde sozinho, quando um aluno abandona o EJA por causa do trabalho ou do cansaço não é só ele que dá um passo para trás em direção ao seu futuro, mas também o professor que não conseguiu ou não pode evitar que isso acontecesse, mesmo que impotente perante a situação, não é só o pai de família que deixa de ganhar quando para de ir às aulas por causa da distância de sua casa, mas também seus filhos que querem, precisam e merecem um futuro melhor. Não é só o aposentado que deixa de aprender quando por causa da violência em sua comunidade não frequenta mais a escola, mas seus netos e bisnetos também perdem, perdem para o sistema opressor e desigual da sociedade, perdem para os bandidos e traficantes que os assaltam, perdem porque sem educação e conhecimento não se pode contestar um político corrupto, a corrupção.

A cidadania também perde, pois deixa de formar cidadãos críticos de seus direitos e deveres que, se tivessem realmente acesso à educação, saberiam que têm o direito de contestar qualquer ato de corrupção. Perde Zumbi dos Palmares que lutou contra um regime covarde, retrogrado e agressivo e deu sua vida por isso. Perde Tiradentes que, sonhando com ideias iluministas e de liberdade para todos os brasileiros, foi enforcado e esquartejado. Perde a democracia e o movimento “diretas já” que, sob a égide de lutar contra a tirania por um governo do povo, não alcança seus objetivos mais fundamentais. Ninguém perde ninguém e ganha sozinho. Cada escolha é uma renúncia, cada ação uma consequência. Alfabetizar é mais do que ensinar alguém a ler e escrever, é lutar contra 500 anos de injustiça e reescrever a própria história da nação.

Nas próprias palavras de Paulo Freire:

(...) a alfabetização do homem brasileiro, em posição de tomada de consciência, na emergência que fizera no processo de nossa realidade.

Num trabalho com que tentássemos a promoção da ingenuidade em criticidade, ao mesmo tempo em que alfabetizássemos (...). Pensávamos numa alfabetização direta e realmente ligada á democratização da cultura, que fosse uma introdução a esta democratização (...) numa alfabetização que fosse em si um ato de criação, capaz de desencadear outros atos criadores. Numa alfabetização em que o homem, porque não fosse seu paciente, seu objeto, desenvolvesse a impaciência, a vivacidade, características dos estados de procura, de invenção e reivindicação. (Freire, 1983b, apud Moura, 1999).

É explícito para Freire que ensinar não é apenas ensinar ou alfabetizar. Ensinar vai além, ensinar é um ato político, é uma atitude política e, para ele, “é preciso reforçar a ideia do papel da educação e da alfabetização como um processo permanente a serviço da consolidação dessa reconstrução nacional”.

(...) a alfabetização de adultos enquanto ato político e ato de conhecimento, comprometida com o processo de aprendizagem da escrita e da leitura da palavra, simultaneamente com a ‘leitura’ e a ‘reescrita’ da realidade, e a pós-alfabetização, enquanto continuidade aprofundada do mesmo ato de conhecimento iniciado na alfabetização (...) (Freire, 1983b, apud Moura, 1999).

Para tanto é necessário que se saiba realizar o processo educacional, não basta ensinar a ler e a escrever, o papel político e cidadão é direito e dever, o povo precisar estar situado dos acontecimentos e precisa saber que tem voz e vez e que podem fazer a diferença se juntos se mobilizarem.

(...) uma alfabetização de adultos que em lugar de propor a discussão da realidade nacional e de suas dificuldades, em lugar de colocar o problema da participação política do povo na reivindicação da sua sociedade, estivesse girando em volta dos BA- BE- BI- BO- BU, a que juntasse falsos discursos sobre o país – como tem sido tão comum em tantas campanhas -, estaria contribuindo para que o povo fosse puramente representado na História (...) (Freire, 1983b, apud Moura, 1999).

À partir desse processo de ensino e aprendizagem, ocorre a problematização, que existe para se discutir o papel de todos na sociedade, mais em específico, o do educando e sua relação com seu meio, sua cidade, seu bairro, sua sociedade e como tudo isso se inter-relaciona. Dessa forma, nasce o princípio da cidadania e da conscientização política, uma vez que todos votam e elegem os representantes que irão governar.

A problematização está intrinsecamente ligada á ação- reflexão- ação, que é um dos pilares mais importantes dentro da educação popular. É necessário pensar e

identificar os problemas sociais, econômicos e pedagógicos que circundam a vivência do educando e, assim, repensar de modo a melhorar não só a ação, mas a tomada de consciência por parte de todos - educandos e educadores. Só assim talvez possamos escrever uma nova história na educação brasileira e no próprio Brasil.

## **CAPÍTULO 2**

### **2. EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NA ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA SANTA MARIA**

Para melhor compreender toda a teoria relacionada com a educação de adultos e educação popular, nada como refletir sobre uma experiência pedagógica realizada durante a etapa prática do curso de Pedagogia, onde a participação em projetos faz parte da grade curricular. Através disso, temos a possibilidade de relacionar toda a teoria estudada na universidade com a realidade do profissional docente, ao nos deparar com as felicidades, tanto com as dificuldades enfrentadas pela profissão.

A partir do momento em que vivenciamos as especificidades da profissão, ampliamos nossos conhecimentos, na medida em que aproximamos teoria e prática na tentativa de solucionar os problemas em busca de um objetivo positivo. Neste sentido, pude me aproximar da educação de jovens e adultos em ambiente não formal, de forma a compreender suas características, assim como buscar alternativas possíveis de melhora, por meio da reflexão da minha prática, juntamente com o meu conhecimento teórico adquirido.

#### **2.2 RELATOS DE EXPERIÊNCIA EM EDUCAÇÃO POPULAR E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**



Fui apresentado á Associação Atlética Santa Maria (AASM), no primeiro semestre de 2011. Neste período, a Universidade de Brasília, juntamente com o projeto Economia Solidária e Educação, ministrada pela professora Dr<sup>a</sup> Sônia Marise, oferecia um ônibus na qual os alunos vinculados ao projeto se dirigiam todo sábado no período da manhã. Fazíamos reuniões e discutíamos sobre as características da ONG e as possibilidades de ação rumo à melhoria dos serviços oferecidos. Neste período, conheci a senhora Amparo, presidente e fundadora da ONG, que foi a pessoa que nos abriu as portas e, assim, no aproximou da comunidade.

A Associação Atlética de Santa Maria foi fundada em dezembro de 1998, mas começou suas atividades em 1995. Nasceu com o intuito de tirar crianças e adolescentes entre 7 a 17 anos, das ruas, e assim evitar possíveis contatos com o mundo das drogas e da violência, através de atividades esportivas, culturais, de lazer e de cursos profissionalizantes. Hoje, atende aproximadamente 650 crianças e adolescentes, nos seguintes seguimentos: futebol, karatê, capoeira, dança hip-hop, axé e outros na área de esporte e lazer. Além disso, a ONG oferece cursos de alfabetização e inclusão digital, manicure, cabeleireiro, bordados, reciclagem e multimistura para adultos formando grupos de geração de renda.

Em nossos primeiros encontros, decidimos fazer revitalização do local, através de mutirões, onde alunos da UnB e comunidade de Santa Maria trabalharam em conjunto. Paralelo a isto, procurávamos colher informações sobre a população, sua cultura, sua origem e como a ONG poderia trabalhar de maneira mais produtiva, a partir disto.

Formamos grupos de trabalho, nas quais cada grupo discutiria sobre um aspecto: Alfabetização de Jovens e Adultos, Esporte e Lazer, Pintura, Artes Marciais, Futebol, Corte e Costura e Salão de Beleza – que eram os cursos oferecidos, gratuitamente, pela ONG para a comunidade.

### **2.3 O CURSO DE ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS DA AASM**

Tendo como objetivo atender aos avós das crianças e adolescentes atendidos na ONG, foi criado o curso de alfabetização de adultos. As aulas eram ministradas por professores voluntários que, muitas vezes, não tinha apoio para permanecerem atuando. O que causava uma constante rotatividade e falta de professor. Estes, muitas vezes, se voluntariavam por amor à profissão, e por vontade de ajudar ao próximo, já que, em sua maioria, não tinha a formação necessária para trabalhar com alfabetização, muito menos uma alfabetização voltada para jovens e adultos.

Com o intuito de melhorar a qualidade do curso de alfabetização, a UnB fez uma parceria com o Programa BB Educar, da Fundação Banco do Brasil. A partir disto, pude acompanhar de perto os propósitos da iniciativa e entender de que forma a fundação banco do Brasil agia e para que agia, ao dar a sua contribuição social. Formou-se uma parceria entre a fundação Banco do Brasil (corrente do Banco que cuida da parte social, neste caso alfabetização) e a Universidade de Brasília, mais especificamente com a faculdade de Educação ligada diretamente ao projeto 3 e 4 da professora Sônia Marise. A priori, os agentes e educadores da Fundação Banco do Brasil, juntamente com alguns alunos da Faculdade de Educação do curso de Pedagogia, trabalhariam em regime de colaboração, alfabetizando alunos da Associação Atlética de Santa Maria que foi o nosso polo inicial de trabalho.

Depois de varias reuniões com os participantes do Programa, decidimos iniciar nossas atividades na “prática” de sala de aula no segundo semestre do ano de 2011. Com o objetivo de nos ajudarmos, tanto agentes do banco (que haviam passado pelo curso de formação de alfabetizadores) como os alunos, chegamos para trabalharmos juntos. Os professores do banco davam suas aulas e nós, da UnB, fazíamos nossas anotações, e revezando, às vezes, na pratica docente. Nosso intuito era de planejar e ministrar as aulas em conjunto, mas, a medida que as aulas iam correndo, só os professores do banco davam aula, enquanto nós, alunos da UnB, fazíamos somente nossas anotações obrigatórias – e que não eram socializadas, uma vez que as os alfabetizadores do Programa não nos incluíam nos seus planejamentos de aula - e ficávamos sem a prática docente.

Nossa parceria basicamente era juntar os alunos que precisavam de prática de sala de aula e os agentes do banco do Brasil que tinham que ministrar aulas em alguma instituição ou ONG como parte de seus trabalhos, ou seja, eles precisavam

dar as aulas e nós também. Em comum tínhamos a Associação atlética de Santa Maria, uma vez que ela precisava de professores capacitados para tal e nós precisávamos da Associação para ministrar nossas aulas. Em paralelo a isso, a transportadora que prestava serviços a Universidade, fazia nossa condução, levando a todos – alfabetizadores do programa e alunos da UnB - para Santa Maria e trazendo de volta duas vezes na semana.

Nesta dinâmica, a parceria entre o Programa BB Educar e a UnB se enfraqueceu, já que houve uma quebra do acordo inicial, onde um ajudaria e o outro, atuando sempre em conjunto. Após várias reuniões, onde tínhamos como objetivo colocar efetivamente em prática o acordo de colaboração, ao não percebermos mudança significativas, terminamos a parceria e resolvemos assumir o curso de alfabetização oferecida pela ONG sem o apoio do Programa.

## **2.4 O QUE É O PROGRAMA BB EDUCAR**

O BB Educar é o programa de alfabetização de jovens e adultos da Fundação Banco do Brasil. Consiste na formação de alfabetizadores, que assumem o compromisso de constituir núcleos de alfabetização nas comunidades em que atuam. Sendo assim, os objetivos do Programa são o Geral: contribuir para a superação do analfabetismo no País, por meio de atividades educacionais voltadas para a alfabetização e a promoção entre jovens e adultos. Além dos específicos: atender convênios para a realização de núcleos de alfabetização, capacitação de coordenadores e educadores sociais na metodologia didático-pedagógica do programa, incentivar a inserção dos participantes em programas educacionais, tais como: programas de ensino formal, educação de jovens e adultos (EJA), técnicos e profissionalizantes, e articular, com o poder público local, ações para a concessão/atualização de documentos de identificação para os participantes alfabetizados. Sabendo disso, o público-alvo do programa são os jovens e adultos não alfabetizados, a partir de 15 anos, sem limite máximo de idade.

A Fundação Banco do Brasil também possui alguns parceiros como entidades governamentais ou civis sem fins lucrativos cujos propósitos sejam compatíveis com

os objetivos do Programa BB Educar. Exemplo: ONGs, Oscips, secretarias de educação de estados ou municípios, sindicatos, entidades religiosas, etc. O programa é implementado nas comunidades a partir da formalização de convênios de cooperação mútua entre as partes interessadas, por meio dos quais se projeta o número de alfabetizadores que serão capacitados no Curso de Formação de Alfabetizadores (CFA) e o número de alfabetizados que devem ser atendidos.

Os educadores do programa são recrutados, selecionados e formados pela Diretoria de Gestão de Pessoas e Administração, do Banco do Brasil, e passam a integrar um cadastro mantido pela fundação Banco do Brasil. O acompanhamento administrativo do núcleo de alfabetização é responsabilidade da Agência do Banco do Brasil.

O acompanhamento pedagógico compete ao parceiro da comunidade e/ou às ações pontuais do Projeto de Acompanhamento Regional, no âmbito do BB Educar. O Programa BB Educar conta com avaliações externas: Realizada por empresa contratada. A definição de periodicidade e os critérios em nível estratégico competem à FBB e ao BB e internas: Acompanhamento estatístico do programa (mensal); Acompanhamento da dotação orçamentária (anual); Por amostragem, a partir do projeto de Acompanhamento Regional Pedagógico (sazonal); Avaliação do CFA via APEAs – consolidação semestral pelas GEPES Regionais (semestral). São indicadores do BB Educar: A porcentagem de atendidos pelo programa em relação à meta indicada pela FBB; O número de CFAs realizados; A quantidade de alfabetizadores e coordenadores pedagógicos capacitados; A porcentagem de alfabetizados que ingressaram em outros programas educacionais, tais como: programas de ensino formal, educação de jovens e adultos (EJA), técnicos e profissionalizantes; A porcentagem de alfabetizados atendidos com a emissão da carteira de identidade com a própria assinatura.

A concepção metodológica do BB Educar se classifica em alguns pontos como o Marco histórico e teórico: A concepção metodológica do BB Educar começou a ser construída em 1991, apresentação uma proposta amparada pelas experiências de Paulo Freire com a alfabetização de adultos, no contexto dos movimentos de educação popular que marcaram o início dos anos 60. Assume um enfoque pedagógico sócio-histórico-cultural sobre o processo de ensino

aprendizagem da leitura e da escrita, uma vez que articula ao pensamento freireano as contribuições de Emilia Ferreiro e Lev S. Vygotsky. Esse enfoque, ponto de convergência entre os três autores, é histórico, pois, o sujeito e o conhecimento, são instâncias inacabadas, em construção; é também social, porque a aprendizagem e o desenvolvimento são sempre mediados pelo outro e pelo grupo social, uma vez que indivíduo e a sociedade são, por sua vez, instâncias interdependentes, uma não existe sem a outra; e, por fim, cultural, uma vez que o ensinar e o aprender influenciam e são influenciados por um conjunto de práticas, ações, instituições e ordens simbólicas, por meio das quais os homens se relacionam entre si e com a natureza.

A concepção de ser humano, segundo o projeto é: Ser histórico, crítico, criativo e inacabado. Sujeito aprendente-ensinante que constrói as próprias condições de existência e transforma a realidade, ao mesmo tempo em que se transforma influenciado pelas condições espirituais e materiais do meio em que vive. Faz cultura e se faz por meio das relações sociais, culturais e ambientais. Já a concepção de educação, fundamenta-se na concepção dialética e dialógica do processo de construção do saber, processo ativo, criativo, subjetivo (individual) e sócio-histórico-cultural, que pressupõe interação entre quem aprende e quem ensina, entre o conhecimento e o contexto.

A educação se dá no momento em que a herança cultural e a renovação cultural se complementam, possibilitando o espaço possível para a transformação social. Trata-se de um processo em que a teoria e prática são indissociáveis e ocorre em um movimento que inter-relaciona ação-reflexão-teorização-ação: partindo das vivências do grupo, problematizando tais vivências e voltando á prática para transformá-la. No âmbito da alfabetização, a concepção de alfabetização, que é o processo de ensino-aprendizagem que possibilita a jovens e adultos a construção de conhecimentos básicos da cultura letrada, encontram-se a leitura, a interpretação, a escrita de textos em que se expressem como autores, a matematização e outros conteúdos que permitam melhor compreender e atuar no mundo em que vivem, de forma que se sintam motivados a continuar aprendendo.

A proposta político-pedagógico do BB Educar está voltada á alfabetização de jovens e adultos, objetivando estimular a formação permanente desses sujeitos, de

modo que, cada um possa reconhecer-se consciente da importância da melhoria da qualidade da vida humana, na perspectiva socioambiental. Na relação educador/educando, existem os atores do processo de construção do conhecimento, ambos são aprendizes, mas com papéis diferenciados. O alfabetizador- na condição de pesquisador, problematizador e sistematizador- faz a mediação entre o alfabetizando, o conhecimento e o contexto. O alfabetizando- na condição de curioso, explorador, descobridor e sistematizador- atua como sujeito de seu processo de aprendizagem. Ambos interagem permanentemente na prática educativa por meio de vínculos afetivos- cognitivos. Existem também alguns métodos/estratégias pedagógicas, onde ao considerarmos a dialética como método e o diálogo como estratégia, faz-se entender que todos os alfabetizandos conhecem algo sobre a língua escrita e constroem os novos conhecimentos a partir do que já sabem.

Para ampliar o uso social da escrita e dos conhecimentos sobre a língua materna, são planejadas estratégias pedagógicas que envolvem: (1) o diálogo problematizador, que se dá por meio da proposição de desafios ou de situações problema aos alfabetizandos, para que avancem em seus processos de construção da leitura e da escrita; (2) as práticas pedagógicas diversificadas que motivem a interação e a cooperação na construção individual e coletiva do conhecimento; (3) o estímulo ao prazer e ao desejo de ler e de escrever e ao uso social da leitura, da escrita e da matemática; e (4) a utilização de vários suportes textuais presentes no dia a dia e no contexto dos educandos. Parte-se do todo para as partes, ou seja, do texto para as palavras, as sílabas, as letras, e das partes volta-se ao todo ou ao texto, propondo-se práticas individuais, em dupla, em pequenos grupos ou com a turma toda.

No que tange a conteúdos, a visão Inter e transdisciplinar na organização curricular, que conta com a participação interativa de todos os envolvidos. Os temas são extraídos dos contextos de vida dos educandos, problematizados e sistematizados de modo a possibilitar a compreensão de sua realidade, sem negar sua complexidade. A realidade sociocultural e afetiva dos alfabetizandos é problematizada por meio de temas geradores (ou assuntos significativos), a partir dos quais são trabalhadas a oralidade, a leitura, a interpretação, a escrita, a

matematização e outras áreas do conhecimento humano que contribuam para ampliar e aprofundar a leitura de mundo e o processo de alfabetização de jovens e adultos.

Já o planejamento neste processo de organização do fazer pedagógico, se dá a partir de análises sobre os alfabetizandos (origens, valores, sonhos, modos de existência, o que sabem e o que desejam aprender) e as realidades em que vivem (características sociais, culturais e existenciais do grupo).

Esse é o ponto de partida para se identificar os temas geradores, os assuntos em torno dos quais serão construídos os conhecimentos no processo de alfabetização. Uma vez identificados os temas e os subtemas geradores, trabalha-se com objetivos claramente explícitos, encadeados por meio de atividades desafiadoras que favoreçam o processo de ensino-aprendizagem da alfabetização. Implica diálogo, reflexão, pesquisa, curiosidade e respeito frente ao conhecimento e ao modo pelo qual cada educando aprende. O planejamento é flexível na medida em que é sustentado pela avaliação, pelo contexto e pela participação dos alfabetizandos.

É feito um acompanhamento permanente por meio do qual se utiliza o diagnóstico para conhecer a realidade cognitiva, cultural e afetiva do alfabetizando. Está relacionado ao planejamento, uma vez que fornece elementos que apontam o que os alfabetizandos sabem, o que ainda não conhecem e como aprendem. Possibilita a criação de estratégias pedagógicas desafiadoras que motivem os alfabetizandos a avançar na construção do conhecimento e façam o alfabetizador reconfigurar rumos e estratégias do próprio fazer pedagógico.

Com base nas perspectivas citadas, o BB Educar assume a condição de programa de integração social, que busca a inserção educacional e a consequente melhoria das condições de vida dos brasileiros atendidos. Um dos Objetivos é capacitar os participantes para que iniciem o processo de alfabetização de jovens e adultos a partir do enfoque pedagógico sócio- histórico- cultural sobre o processo de ensino- aprendizagem da leitura e da escrita, valendo-se da dialética como método e do diálogo como estratégia.

Os postulados centrais são a espera de que, ao final do curso, o alfabetizador possa iniciar seu trabalho tendo como referencia princípios metodológicos fundamentados em aspectos epistemológicos, políticos e motivacionais, tais como a capacitação técnica que é considerados aqui tanto nos aspectos epistemológicos tanto no que diz respeito ao aprofundamento das concepções do alfabetizador quanto á sua capacidade de lidar com o conhecimento que o alfabetizador detém: Importância de aprofundar conhecimentos sobre princípios metodológicos e teóricos que alicercem a prática pedagógica; Recusa aos pacotes pedagógicos prontos e a uma pratica espontaneísta que não considere a realidade dos educandos; Importância da reflexão constante sobre a prática do alfabetizador; Utilização de instrumentos que articulem planejamento e avaliação para promover avanços no processo de alfabetização; Discussão de abordagens teóricas e práticas que contribuam para a ampliação do conhecimento do sistema alfabético e dos usos sociais da leitura e da escrita.

Leva em conta as questões inerentes a uma prática transformadora e coletiva, que pressupõem a visão crítica do alfabetizador e do alfabetizando, envolvidos na busca do conhecimento: Negação do modelo autoritário de educação; Crença numa educação democrática e participativa baseada no diálogo, na troca de conhecimentos e na reflexão critica sobre a realidade; Necessidade de pensar a alfabetização com base numa perspectiva transformadora, a partir do projeto de uma sociedade mais justa e igualitária.

Em relação ao engajamento, o programa está ligado aos aspectos motivacionais e ao compromisso com a construção da subjetividade, do conhecimento e da expansão da consciência crítica do alfabetizador e do alfabetizando: Crença na possibilidade do engajamento dos alfabetizados e da comunidade do BB educar a partir do comprometimento do alfabetizador com a prática metodológica, que inclui também elementos de subjetividade e aspectos emocionais; Busca de uma dinâmica inovadora, com a proposição de uma prática com características alternativas, participativas e criativas que tenham como base a alegria e a solidariedade.



## **2.5 PRÁTICA PEDAGÓGICA NO CURSO DE ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS DA AASM**

Ao percebermos que a parceria com o Programa BB Educar não estava conforme havíamos planejado, conversamos com os alfabetizadores em busca de uma solução, eles postergavam para nos responder quando tínhamos espaço para planejarmos nossas aulas e quando iríamos ministrá-las. Na maior parte do tempo nos ocupávamos com anotações e pequenas ajudas na sala de aula como escrever no quadro negro e pegar algum objeto que seria utilizado por algum dos professores. Em uma determinada reunião com a professora, relatamos como estava sendo a prática e conversamos sobre possíveis melhorias e ajustes no projeto.

Foi então que resolvemos desfazer a parceria com a Fundação Banco do Brasil e o Programa BB Educar e iniciarmos nossa atividade no curso de alfabetização da AASM. Este curso era oferecido nos dias alternados aos do Programar, onde os alunos frequentavam as aulas tanto da AASM quanto às do BB Educar. Ficou estabelecido que, nas segundas e quartas-feiras, os agentes do banco iriam para a ONG, e nós (eu e outra aluna) iríamos as terças e quintas-feiras. Além disso, conseguimos mudar os dias de viagem com a transportadora, que nos auxiliou e muito na locomoção, levando-nos e trazendo-nos, mesmo durante a greve na universidade. A partir daí nós alunos com o devido auxílio da professora Dr<sup>a</sup> Sônia Marise, assim como do professor voluntário da AASS, Naldo, iniciamos nossas reais atividades docentes.

Nas terças e quintas, a turma havia sido dividida em duas partes, a primeira era a dos alunos que tinham uma maior dificuldade de aprendizado e que era composto pelo pessoal mais idoso, juntamente com eles iria ficar o professor Naldo. A outra parte era de alunos um pouco mais avançados no processo de alfabetização, nesta turma iria ficar eu e mais duas alunas da pedagogia, cujas aulas seriam revezadas. Como já conhecíamos os alunos, os planejamentos das aulas

foram muito tranquilos, pois já havíamos coletado quais eram suas dificuldades, suas origens e algumas das suas necessidades com relação à aprendizagem.

## **Intervenção Pedagógica – Aula 1**

Tema Gerador: Fome

Subtema: Causas e suas consequências

Como havia dito, já existia uma relação de amizade e respeito entre mim e os educandos, o que proporcionou certo conforto e tranquilidade para dar a aula. Iniciamos a aula propondo um alongamento para uma melhor disposição dos alunos, tanto para tirar o sono e espantar o cansaço como para criar um clima de descontração. A maioria se propôs a fazer de bom grado e rindo, houve um ou dois que não quiseram realizar o alongamento e eu não insisti, já que estava propondo algo novo que não era de hábito deles e delas.

Em seguida iniciamos a aula em si lendo um texto de Josué de Castro: poeta, médico, geógrafo, professor e nutricionista brasileiro nascido em Pernambuco no século XIX.

“Comecei a trabalhar numa grande fábrica e a verificar que os doentes não tinham uma doença definida, mas não podiam trabalhar. Eram acusados de preguiça. No fim de algum tempo compreendi o que se passava com os enfermos. Disse aos patrões: Sei o que meus clientes têm. Mas não posso atendê-los porque sou médico e não diretor daqui. A doença dessa gente é fome. Pediram que eu me demitisse. Saí. Compreendi, então, que o problema era social. Não era só do mocambo, não era só de Recife, nem só do Brasil, nem só do continente. Era um problema mundial, um drama universal”.

O texto foi extraído do livro “Dialogando com o alfabetizador” do curso de formação de alfabetizadores da Fundação Banco do Brasil. Nele podemos perceber o quão sério e antigo é o problema da fome no Brasil, sendo suas vítimas ainda assim acusadas de preguiça. “Joguei” o texto para os alunos em espécie de provocação para ver como reagiriam com um tema tão perturbador como este. Os alunos aos poucos foram expressando suas opiniões. Uns diziam que o problema da

fome no mundo não tinha solução, que só Deus poderia acabar com isso, outros disseram que a culpa era da política e dos políticos que não se preocupavam realmente com o povo, já que a corrupção impedia. A grande maioria tem uma visão pessimista quando o assunto é fome, é claro que o alto grau de corrupção e falta de vontade de nossos políticos no país corroboram para tudo isso, e isso se traduz claramente no desânimo “político” deles, falta-lhes esperança na política e nos homens, mas com certeza eles têm os seus motivos.

Perguntei se existia alguma palavra desconhecida, dentre as que havíamos trabalhado àquele dia, para eles. No que disseram “mocambo” e, então, uma senhora disse que mocambo era um lugar onde as pessoas humildes ficavam trabalhando, o que de certa forma não estava errado. Ela fora a única a se manifestar sobre tal palavra o que logo em seguida afirmei que ela estava correta. Então fui para o quadro e escrevi a palavra e expliquei o significado dizendo que mocambo era um lugar muito pobre onde moravam pessoas excluídas socialmente e que quase sempre passavam necessidade. O que infelizmente era a realidade dos trabalhadores no texto de Josué de Castro.

Por fim os instiguei sobre como poderíamos combater a fome no mundo e perguntei para alguns em específico o que fariam a respeito se fossem governadores do Distrito Federal. De modo geral, para eles, a fome é uma questão sem solução, sempre houve e sempre haverá, sai políticos, entram políticos e sempre existirá fome. Quando perguntados sobre o que fariam se fossem governadores, disseram que não queriam esse cargo ou que não sabiam o que iriam fazer. Alguns meio que desconversaram e logo o assunto se esvaiu.

O que mais me chamou a atenção foi quando, no início da aula, eu disse que iria tratar sobre o assunto fome, todos ficaram meio que compenetrados na minha fala e disseram entre si: “vixi, tá aí um negócio sério, é um negócio que mexe com todo mundo”. Eu sei que os alunos ali não compõem as classes mais privilegiadas da sociedade, mas também sei que quase todo mundo têm comida em casa e que não passam fome, não comem filé mignon, mas também não passam fome. Apesar de tudo isso, quando me reporte sobre o fantasma da fome, todos ficaram sérios, como se esse problema não fosse embora nunca da vida deles. É claro que

ninguém está isento de passar necessidades, mas a forma como receberam minhas palavras foi um tanto perturbador.

A maioria veio do Nordeste do país procurando melhores condições de vida, provavelmente a fome fazia parte do repertório que causou as mudanças em busca da sonhada “melhor condição de vida”. É algo sério e, como tal, tratamos o assunto com seriedade. Por fim, foi listado no quadro algumas causas e algumas consequências da fome. Como causas alguns disseram palavras como desemprego, falta de oportunidades e finalizei escrevendo desigualdade social. Com unanimidade todos disseram “fome” como consequências.

## **Intervenção Pedagógica- Aula 2**

Tema Gerador: Justiça

Subtema: Aprendendo com exemplos

Iniciamos essa aula com um texto extraído do livro da Fundação Banco do Brasil chamado “Lágrimas que vencem justiça” que relata a história do operador de escavadeira Hamilton dos Santos, que, ao ser chamado por uma empresa para por abaixo as duas casas de Telma Sueli dos Santos Sena em um bairro “ilegal”, hesitou e não iniciou o seu trabalho, desligando o motor do trator e desabando em lágrimas por humanamente não conseguir despejar uma mãe e sete filhos. Depois de receber voz de prisão dos policiais que faziam a segurança do local, Hamilton teve sua soltura encaminhada e virou herói. E o bairro onde Telma vivia foi regularizado, juntamente com sua casa.

Conversamos com os alunos sobre o texto, o que acharam da atitude de Hamilton e o que teriam feito no lugar. O texto sem sombra de dúvidas tem muito a ver com a realidade dos alunos, moradia é um assunto que preocupa e faz parte do cotidiano deles. Em uma coisa todos foram unânimes, gostaram do texto e teriam tido a mesma atitude de Hamilton. Quando questionados sobre a ordem judicial que ele deveria cumprir do estado, disseram que o mais importante era a vida de uma mãe e seus filhos que não tinham para onde ir se despejadas.

Iniciamos então a segunda parte da aula, onde começamos a escrever no quadro as palavras mais importantes. Com a participação de alguns alunos fomos construindo palavras geradoras onde discutíamos conseqüentemente: Casa, propriedade, patrão, justiça, regularização.

Conversamos um pouco sobre essas palavras com eles, o conceito de propriedade e casa foi algo interessante nessa construção, já que boa parte dos alunos veio de outros estados e ganharam os lotes do ex-governador Joaquim Roriz, sendo claramente perceptível a gratidão dos alunos para com ele.

Prosseguimos dessa forma e, ao final, passamos um exercício para eles escreverem em seus cadernos, usamos as palavras do texto onde as escrevíamos escondendo algumas letras para eles completarem os espaços vazios, fixando assim a escrita correta e reforçando a ação de escrever.

### **Intervenção Pedagógica- Aula 3**

Tema Gerador: -

Subtema: -

Resolvemos usar esta aula para trabalharmos mais a escrita dos alunos, já que anteriormente eles haviam expressado que gostariam de escrever mais no caderno, pois treinariam mais a escrita.

Passamos então alguns exercícios de separação de sílabas, uma vez que era um conteúdo que estava sendo trabalhado com eles já há algum tempo. Escrevíamos no quadro as palavras e eles tinham que separá-las em sílabas e escrever quantas sílabas compunham cada uma: Ônibus, favela, barraco, escola, assalto, Santa Maria.

Essas foram algumas das palavras escritas, sendo discutidas posteriormente com eles conforme o planejado.

É evidente o avanço da escrita por parte dos alunos, a turma teve uma melhora considerável. Eles escrevem mais rapidamente e engolem menos letras do que antes, além de conseguirem entender um pouco mais do que leem. De forma

geral eles separam silabicamente bem as palavras, é claro que ainda existem separações erradas como em “Oni-bus”, e “ba-rra-co”, e isso vai sendo corrigido aos poucos. Sempre digo para eles lerem bastante, lerem cartazes, out doors, revistas, jornais, gibis, livros etc., pois dessa forma vão escrever mais rápido, entender mais rápido e com menos chances de errar uma palavra.

Discutimos as palavras e eles foram se expressando à medida que cada palavra era corrigida silabicamente. Em sentido provocador, instigamo-los sobre a palavra “barraco”, onde alguns disseram que não era barraco e sim casa, outros disseram que barraco era de madeira e que era algo feio. É perceptível que o conceito barraco faz parte da vida deles, mas ninguém quer morar em um, tendo conhecimento de que é algo “ruim”. A outra palavra comentada foi favela, onde de forma unanime disseram que era algo ruim e que não gostavam, quando perguntados o porquê disseram que era por que ficava no morro, tinha tráfico, bandidagem e que não gostariam de fazer parte disso. Dessa forma fica claro o estereótipo que não só eles, mas muitos outros têm a respeito de favela, instiguei-os dizendo que era o tipo de moradia de muita gente honesta e trabalhadora e eles disseram que o governo que deveria cuidar desse assunto, e que não deveriam existir favelas no Brasil.

Fomos discutindo as palavras. É impressionante o tanto de coisa que se pode falar sobre tão poucas palavras, ainda mais se forem relacionadas ao cotidiano deles como assalto, onde, boa parte dos alunos já foi vítima. Todos disseram que Santa Maria está muito perigosa. Que falta policiamento e que tem muito vagabundo a noite, obviamente que essa conversa gerou muita discussão.

## **Intervenção Pedagógica- Aula 4**

Tema Gerador: -

Subtema:

Nesta aula aplicamos uma atividade de fixação com a letra “H”, trabalhando um pouco com eles essa letra e considerando suas particularidades. Dessa forma, passamos os seguintes exercícios:

1- Utilize as sílabas que estão dentro dos quadros e forme palavras iniciadas com H

BI NA VAÌ

VAI LI TO

HA

A TA ÇÃO

LI CE CÒP

RO RAN ÇA

HE

CE RÒI

NA NO

HI

NE E GI

TEL JE RA

CO MEM RÒS

HO

PO

NO MA MOR

HU

MIL DE

Em seguida passamos outro exercício com a letra H

1- Complete as palavras usando as sílabas em destaque

HA- HE- HI- HO- HU

..... RÀRIO

..... MEM

..... RIZONTE

..... ENA

..... GIENE

..... TEL

..... JE

..... RÒSCOPO

..... VAÌ

..... POPÒTAMO

..... BITO

..... MILDE

..... MOR

..... MANO

..... RA

..... RÒI



..... LITO

..... RANÇA

Dessa forma, aplicamos os exercícios e demos um tempo para eles responderem. Na medida em que o tempo ia passando, boa parte perguntava e tinha dúvidas sobre a tarefa destinada. Eles perguntavam constantemente se a resposta estava certa ou se faltava alguma coisa. Era clara a insegurança que eles tinham. Suspeito que em boa parte da vida eles receberam ordens e aprenderam que somente o outro, seja patrão ou professor, que está com a razão. Em razão disso, não têm segurança ao responder suas questões, mesmo tendo certeza nas marcações, seria isso herança da educação bancária?

## **Intervenção Pedagógica- Aula 5**

Tema Gerador: -

Subtema: -

Como de costume, tínhamos planejado a aula normalmente para aplica-la. Ao chegarmos à ONG, vimos que o professor Naldo não estava presente, o que constatamos depois que neste dia ele não pode ir porque seu irmão havia falecido. Como só havia eu e mais uma aluna, um conteúdo e duas turmas, tivemos, portanto, que improvisar! O improviso é algo interessante, você precisa criar não necessariamente algo novo, mas sim apresentar uma ideia de imediato. É claro que o papel do professor é se programar e planejar para nunca ser pego de improviso, mas improvisos acontecem e é preciso ter sempre um plano B na cartola.

Para não privilegiar uma turma e prejudicar a outra, fizemos algo de improviso. Minha colega de Pedagogia deu a aula que havíamos planejado e eu assumi a outra turma. Sinceramente não tinha ideia de qual conteúdo passar. Não tinha condições de passar o mesmo conteúdo da outra turma, já que essa era composta de alunos bem mais velhos, com problemas de vista e dificuldade de aprendizado. Foi então que tive a ideia de passar poesia. A poesia é pouco ou

quase nada trabalhada nas escolas de EJA, além disso, os alunos se interessaram quando eu disse o que tinha em mente e como pretendia trabalhar. Peguei um livro de gramática e encontrei uma bela e famosa poesia de Gonçalves Dias:

### **Canção do exílio**

"Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá;  
As aves que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,  
Que tais não encontro eu cá;  
Em cismar - sozinho, à noite -  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,  
Sem que eu volte para lá;  
Sem que desfrute os primores  
Que não encontro por cá;

Sem qu'inda aviste as palmeiras,  
Onde canta o Sabiá."

Em detrimento do tamanho da poesia, escrevi somente as duas primeiras estrofes no quadro que dividia com minha colega da pedagogia. Nisso os alunos iam copiando e tirando duvidas sobre o significado de algumas palavras como "exílio" e "gorjeiam". Perguntei para a turma se tinha alguma palavra que eles não conheciam e ninguém se manifestou, nisso perguntei para eles o que era exílio e prontamente uma senhora se manifestou e disse que era "quando alguém estava longe de casa", acenei com a cabeça que ela estava certa e disse, em seguida, que era quando alguém estava fora de casa não por querer, mas por que teve que sair. Ilustrei essa explicação falando sobre os exilados da ditadura, quando estudantes e artistas tinham que sair do Brasil por causa da perseguição e muitas vezes para não morrerem. Já a palavra gorjear muitas senhoras já sabiam que se tratava do som que os pássaros emitiam.

Em seguida, fui trabalhando com eles o significado do poema, do que se tratava e o porquê tinha sido escrito, perguntei também o que eles haviam achado do texto e o que sentiam ao ler a poesia. Falei também que o texto havia sido escrito há muito tempo (séc. XIX) e que falava sobre a saudade de um brasileiro que morava em outro país. Instiguei os alunos a lembrarem suas infâncias e o que mais havia marcado-os. Muitas disseram as brincadeiras juvenis, outros os amigos que não viam há décadas. Mas o que mais me marcou foi uma aluna falar que não gostava da infância dela, por que só tinha trabalhado e arrumado a casa, raramente saia para brincar e tinha parado de estudar na segunda série. A aula havia acabado logo em seguida, mas fiquei pensando no que aquela senhora me disse o resto da noite.

## **Intervenção Pedagógica- Aula 6**

Tema Gerador: -

Subtema: -

A pedido dos alunos, iniciamos a aula trabalhando as letras “U” e “L”. Já que os mesmos queriam saber em quais palavras aplicar qual letra para assim escreverem e lerem melhor. Dessa forma, passamos exercícios de fixação com algumas palavras:

ASSA.....TO

A.....TEROFILISMO

A.....GEMA

A.....TENTIFICAÇÃO

A.....TERAÇÃO

A.....COOL

A.....BERGUE

A.....CATRAO

Tentamos relacionar ao máximo com a realidade deles e ao final da aula corrigimos o exercício. A grande maioria dos alunos havia acertado as questões, uns ou outros erraram. No final, corrigimos o exercício e começamos a discutir as palavras com os alunos. Perguntei quais das palavras do quadro estavam mais próximas da realidade deles. Disseram “assalto” e “álcool” em sua grande maioria. Perguntei também quem já tinham sido assaltados e boa parte levantou o dedo. Perguntei o que eles fariam para mudar essa situação e de que forma. A resposta foi unanime em dizer que se precisa de mais policiais e de vigilância para aumentar a segurança da população. Encerrei a aula tentando passar essa reflexão para eles. De repensar o conceito de segurança e de o que podemos fazer como cidadãos para mudá-la.

## CAPITULO 3

### **3. REFLEXÕES SOBRE A MINHA INTERVENÇÃO PRÁTICA NO CURSO DE AFABETIZAÇÃO DA AASM**

Fazer considerações sobre o meu papel e o que desempenhei dentro do projeto pode não ser uma tarefa muito simples. Planejar aulas e executá-las, além de fazer as devidas intervenções, me faz refletir sobre tamanha responsabilidade que é assumir uma turma e dos desafios e barreiras que encontramos pela frente. Não é fácil não repetir os mesmo erros. Por vezes tenta-se, planeja-se e executa-se, mas algumas tentativas são frustradas, seja pelos alunos, seja pelas condições da sala, seja por você mesmo. Foi claro que algumas ideias freireanas não puderam ser praticadas como o círculo de cultura, por exemplo, já que existem barreiras que parecem intransponíveis, como, por exemplo, a falta de iluminação que os impedia de enxergar o quadro.

A concepção de educação libertadora - democrática e conscientizadora - é, sem dúvida, uma das mais difíceis de e colocar em prática, uma vez que nem tudo sai como planejado e às vezes é necessário o improvisado. Mas com nítida certeza, digo que tentei, e estou orgulhoso de poder ter feito algo novo e de ter tido a chance de tentar algo diferente, com pessoas que, pelo sorriso no rosto e um obrigado nos lábios, eu digo, vale-se a pena trabalhar para essa tão sonhada e almejada educação libertadora.

Quando eu assumi a sala de aula sugeri o círculo de leitura e falei rapidamente como funcionava, mas por resistência dos alunos, não conseguimos realizá-lo. Vários motivos me vieram à cabeça para tal barreira, dentre eles o “resquício” do ensino tradicional que os alunos, e até mesmo eu, recebemos, além da resistência natural ao “novo”, ao “diferente”, já que talvez fosse a primeira vez numa classe de EJA de muitos ali. Um fator que é indiscutível, não só na minha prática docentes, mas em toda classe de EJA é o cansaço com o qual os alunos têm

de lidar após um dia de trabalho. Até mesmo os professores, incluindo eu, estamos sujeitos a isso, e posso dizer que muitas vezes cheguei cansado.

Ao observar as aulas do professor Naldo, eu percebi que era priorizada uma educação mais tradicional, onde os alunos deveriam apenas treinar a escrita das palavras e a leitura de palavras soltas e sem significado para os alunos. Outra característica foi a forma infantilizada na qual o professor se relacionava com os alunos, colocando-os para pintar com lápis de cor os desenhos da cartilha. Não havia reflexão, nem por parte do professor e nem por parte dos alunos. Era uma educação mecanizada e totalmente longe da realidade daquela comunidade.

Porém, os alunos adoravam o professor Naldo. Deve-se considerar que ele faz parte da comunidade, além de ser irmão de um dos alunos do curso de alfabetização. Os alunos o elogiavam, dizendo que ele passava questões mais fáceis do que as das professoras do Programa BB Educar. E também diziam que ele falava a língua deles, o que os deixavam mais à vontade.

Com o tempo, as aulas do Programa BB Educar foi se esvaziando e, ao perguntarmos aos alunos os motivos deles deixarem de frequentar as aulas de segundas e quartas a resposta era clara: “elas passam textos muito longos”, ou então, “eu quero aprender a ler e a escrever e não ficar conversando”. Existia uma incongruência entre os dois cursos - BB Educar e o curso de Alfabetização de Adultos do AASM: enquanto o primeiro privilegiava os alunos que já tinham algum conhecimento de leitura e escrita, com textos longos e conteúdos desconexos com a realidade e com a vontade dos alunos, o segundo se limitava apenas a ensinar as letras e palavras soltas.

Ao planejar as aulas do curso de alfabetização da AASM, tentei mesclar conteúdo e a experiência dos alunos. Além de sempre procurar conversar com eles sobre algum tema, mesmo que fosse enquanto eles copiavam os exercícios do quadro – coisa que não conseguimos abolir, já que, para eles, essa prática de escrita é fundamental. Na medida do possível, tentei mesclar todos os conhecimentos adquiridos, tanto na universidade, quanto na observação das aulas do BB Educar e também do professor Naldo, para que as aulas fossem, de fato, interessantes e significativas para os alunos. Pois, acredito que está é a fórmula

para se construir o conhecimento, sempre em conjunto e respeitando os saberes, as experiências que o outro tem a oferecer. Desta forma, por meio de uma troca de saberes, que a Educação se completa e forma pessoas conscientes da sua situação no mundo, na sua sociedade, da sua realidade e, a partir disso, passa a ser capaz de refletir sobre sua situação e transformá-la se achar necessário.

### **3.1 REFLEXÕES SOBRE A MINHA EXPERIÊNCIA NO PROGRAMA BB EDUCAR**

De um modo geral, o papel de criticar é muito fácil, onde apenas cita-se o que se fez de errado ou onde errou e o que precisa melhorar transformando assim quem é criticado no “errado” e quem critica no que está com a “razão”, o que obviamente nem sempre é assim. É preciso cautela ao fazer determinada crítica sobre alguém, o que esse alguém faz e como ele faz. É preciso também discernimento para saber separar pessoas de tarefas, pois, às vezes, uma tarefa não é realizada com êxito ou da forma que foi proposta, não por incompetência de quem a executou, mas por outros fatores externos que o impediram e, mais especificamente nesse caso, na educação, no método de ensino e no que foi ensinado ou pelo menos proposto a se ensinar.

É inegável que o trabalho de alfabetização executado pela fundação Banco do Brasil é de grande importância para quem aprende e tem uma contribuição expressiva para um país como o nosso onde o analfabetismo, ainda que funcional, persiste. Porém, é preciso perguntar o porquê do programa e qual sua real intenção, se é realmente uma iniciativa própria do banco ou se ele é legalmente obrigado a realizar um trabalho “social”.

A Fundação Banco do Brasil oferece um curso de formação para seus funcionários que foram designados para a tarefa de alfabetizar. Curso este de duração de 15 dias, mais a entrega de duas apostilas sendo uma do educador e outra de atividades para serem executadas em sala de aula.

É importante frisar que os agentes que trabalham na fundação BB educar também concorrem a futuras promoções e benefícios internos do banco, o que significa, em linhas gerais, que a tarefa de alfabetizar é por meio de “incentivos” dados pelo banco, ou seja, nada é de graça e eles não estão lá pelo real motivo que deveriam estar: o de tornar ou pelo menos tentar tornar os educandos cidadãos críticos, desalienados e senhores de seu próprio destino, com uma formação voltada para a visão real do mundo partindo de suas visões de mundo, ou seja, de suas realidades.

Um aspecto importantíssimo que deve ser abordado neste capítulo é sobre o conteúdo ministrado pelos professores do banco, que foi umas das coisas que mais me chamaram a atenção. No período de reuniões com a professora Dr<sup>a</sup> Sônia Marise, antes de irmos todos para a sala de aula, falávamos sobre a educação freireana, onde tanto nós alunos como os agentes do banco discutíamos sobre a educação de jovens e adultos, desde seu início com o Mobral no período militar até suas perspectivas e atuações dentro do cenário nacional.

Explanávamos com ênfase a questão de uma educação não autoritária onde professor e alunos são iguais aprendizes e ninguém sabe mais que ninguém, sendo apenas saberes diferentes, e acima de tudo, onde o conhecimento de mundo precedia o conhecimento da palavra, ou seja, a vivência real dos educando vem em primeiro lugar do que o “simples” fato de aprender a escrever. Estávamos realmente discutindo uma forma de nos colaborarmos, mesclando o cronograma do BB educar com o que se é estudado na Faculdade de Educação.

Como já foi dito anteriormente, os agentes do banco executavam suas tarefas docentes enquanto nós alunos apenas assistíamos, isso foi um dos pontos que fugiram do que havia sido acordado dentro das nossas reuniões. O outro ponto que também ficou de lado foi em relação ao conteúdo e ao formato que este deveria ser passado. O esquema clássico de Paulo Freire e que, inclusive, foi discutido em nossas reuniões preliminares, foi a cerca do círculo de cultura, onde a turma em tese formaria um círculo com as carteiras, ficando assim todos de frente para todos e saindo daquele método tradicional onde os alunos sentam uns atrás dos outros. Dessa forma o professor está livre no meio para jogar o tema gerador para a discussão. Tudo isso foi discutido em reunião, mas não foi executado pelos agentes



do banco, ficando no método tradicional onde o professor lá na frente detém o poder e o conhecimento e em segundo plano os alunos sentados e ouvindo. Cabe salientar que os professores nem ao menos fizeram a sugestão para os alunos e não explicaram o que é o círculo de cultura, para que serve e qual o seu real significado.

Outro ponto vital em nossa discussão abrange aos conteúdos trabalhados em sala de aula. Esse assunto é de grande importância, uma vez que compreende desde o que os alunos aprendem até suas perspectivas de vida e de futuro. No processo alfabetizatório é primordial o conhecimento de letras e símbolos, já que são ferramentas básicas para a escrita e a leitura. Porém, dentro de um ensino crítico, focado na educação para a cidadania e o exercício dela, se faz necessário que o conteúdo ministrado tenha a ver com a realidade e a história dos educandos, de forma a contextualizá-los com sua prática vivencial através da práxis, ação-reflexão-ação.

Os professores do banco não utilizaram desta “práxis” com os alunos, o que poderia ser muito útil. Mas, ao invés disso, eles reproduziam o ensino bancário. Uma das grandes críticas que se pode fazer com relação ao papel desempenhado pelo BB educar na ONG foi o de ter reproduzido uma educação tradicionalista ao invés de tentarem inovar, utilizando até mesmo o conteúdo que eles deveriam dar com a metodologia utilizada por Paulo Freire.

Nos finais das aulas, voltando para casa, conversávamos todos sobre os alunos, como estavam indo, seus graus de interesse e suas maiores dificuldades. Conversávamos também sobre os conteúdos que seriam ministrados e formas de aplicá-los onde eu e a outra aluna dávamos ideias baseadas nas conversas tidas nas reuniões onde os professores do BB educar somente diziam que seria uma boa ideia, mas nunca a executavam.

Certa vez, sugeri para os professores que fizéssemos um círculo de cultura com os alunos em uma das aulas, e mais uma vez os professores disseram que era uma boa ideia, mas não a concretizaram. Eu não queria tirar a autonomia dos professores em plena sala de aula, é por isso que deveria ser algo combinado previamente. Pude perceber algumas vezes que os professores cumpriam com seriedade seu exercício, mas só estavam ali por que realmente tinham de estar, por

que era questão de trabalho. A sensação era de que eles estavam fazendo um favor para com os educandos e que eles não sabiam a importância e o privilégio que era ter aulas com os professores da Fundação do Banco do Brasil.

O programa BB educar como um todo perpetua, ainda que sem saber, o ensino tradicional, ou seja, a educação bancária onde não existe a autonomia dos sujeitos da aprendizagem e o professor é o centro do saber. Não posso falar de todos os professores da fundação, mas posso falar dos que vi, e, a princípio o curso de formação de professores deixou algumas lacunas não preenchidas. Mais uma vez volto a frisar que é necessário para uma saber e uma prática docente significativa que o professor repense sua práxis pedagógica dentro de sala de aula, e para tal, a formação de professores é vital nesse processo, tendo em vista que o professor passa por ela para assumir tal responsabilidade. A formação de professores tem sido repensada e questionada constantemente não só dentro das Universidades, mas em todo meio pedagógico, o que nos leva a pensar sobre sua importância e se estamos realmente indo no caminho certo.

O curso de formação de professores deve ter como base primordial a conscientização dos futuros professores para um ensino crítico, humano, concreto, voltado para a formação cidadã do educando, criando mecanismos para que ele possa pensar agir e refletir sobre sua realidade, exercendo seus deveres como cidadãos e cobrando seus direitos perante os representantes responsáveis para tal. Um dos grandes desafios da atualidade é promover todo esse conhecimento a ponto de uni-lo com a prática e a vivência do educador, que por sua vez tem de absorver a vasta quantidade de conhecimento acumulada durante sua vivência, seja em cursos ou na vida acadêmica.

Os conhecimentos trago pelos teóricos e as leituras tem uma função impar na construção crítica do pensamento para a formação pedagógica, conteúdo esse que serve de arcabouço teórico para embasamento nas escritas e atividades dos futuros professores, mas, acima de tudo, é vital a percepção do futuro professor para com o mundo e a realidade do educando, tendo como exercício a ação-reflexão-ação, criando assim a práxis pedagógica. Paralelamente, a educação continuada vem com o intuito de “reciclar” o professor que já esta na prática docente, reforçando a ideia de que não existe saber finalizado, acabado, pronto, mas existe o saber inacabado,

da qual todos estamos sujeitos, onde o professor precisa estar sempre num contínuo aprender, fazendo cursos e se informando para não ficar obsoleto. Afinal, não podemos ter professores do século XX dando aula para alunos do século XXI. É por isso que a informação e os domínios das novas tecnologias passam por esse processo, vindo a gerar novos desafios para os professores, e por que não, superações. Nas palavras da UNESCO:

Para melhorar a qualidade da educação, conforme registra o relatório da UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI, "Educação: um tesouro a descobrir": "é preciso, antes de mais nada, melhorar o recrutamento, a formação, o estatuto social e as condições de trabalho dos professores pois estes só poderão responder ao que deles se espera se possuírem os conhecimentos e as competências, as qualidades pessoais, as possibilidades profissionais e a motivação requeridas".

Ainda segundo a UNESCO:

“Aperfeiçoar a formação profissional dos professores é uma medida de suma importância em qualquer esforço visando melhorar a qualidade da educação. A valorização e qualificação dos professores é considerada fundamental para a melhoria da qualidade da educação, assumida pelos Estados Membros da UNESCO, incluindo o Brasil, em dois dos seis objetivos (objetivos 2 e 6) do Marco de Ação de Dacar (2000 - Declaração sobre Educação para Todos, Dacar). É de importância vital estabelecer vínculos entre os resultados das avaliações de aprendizagem e a formação dos professores, tanto a inicial como a educação continuada, a fim de que o processo de aprendizagem em sala de aula possa ser efetivamente renovado. Igualmente importante é a criação de planos de carreira para os professores e os demais profissionais da área educacional”.

Ainda sobre a formação de professores, é importante ressaltar que a realidade de sala de aula muitas vezes é ocultada ou o mesmo não procura conhecer, o que pode vir a ser um problema, já que muitas vezes o ambiente de trabalho não é dos melhores e as condições são precárias, nas palavras de Saviani:

(...) a questão da formação de professores não pode ser dissociada do problema das condições de trabalho que envolvem a carreira docente, em cujo âmbito devem ser equacionadas as questões do salário e da jornada de trabalho. Com efeito, as condições precárias de trabalho não apenas neutralizam a ação dos professores, mesmo que fossem bem formados. Tais condições dificultam também uma boa formação, pois operam como fator de desestímulo à procura pelos cursos de formação docente e à dedicação aos estudos. Ora, tanto para garantir uma formação consistente como para assegurar condições adequadas de trabalho,

faz-se necessário prover os recursos financeiros correspondentes. Aí está, portanto, o grande desafio a ser enfrentado. É preciso acabar com a duplicidade pela qual, ao mesmo tempo em que se proclamam aos quatro ventos as virtudes da educação exaltando sua importância decisiva num tipo de sociedade como esta em que vivemos, classificada como “sociedade do conhecimento”, as políticas predominantes se pautam pela busca da redução de custos, cortando investimentos. Faz-se necessário ajustar as decisões políticas ao discurso imperante. Trata-se, pois, de eleger a educação como máxima prioridade, definindo-a como o eixo de um projeto de desenvolvimento nacional e, em consequência, carrear para ela todos os recursos disponíveis. Assim procedendo, estaríamos atacando de frente, e simultaneamente, outros problemas do país, como saúde, segurança, desemprego, pobreza, infraestrutura de transporte, de energia, abastecimento, meio ambiente etc. Infelizmente, porém, as tendências que vêm predominando na educação brasileira caminham na contramão dessa proposta. Como assinalei na parte final da conclusão de meu livro *Da nova LDB ao Fundeb* (Saviani, 2009).

Saviani comenta um ponto importante, quando fala sobre a união dos discursos entre a valorização do profissional e a exaltação da importância da educação. É válido reiterar que sem a devida valorização do profissional da educação, tanto em condições de trabalho como em condições salariais dificilmente teremos uma educação de qualidade, e muito menos levada a sério.

A questão da valorização é um ponto vital dentro do campo da educação, onde um trabalho só é levado a sério e respeitado se o profissional se portar como tal e receber o devido respeito, a isso podem incluir o salário, condições de trabalho, plano de carreira e benefícios da profissão ao longo do tempo, além de cursos de “reciclagem” para os profissionais da área. Um exemplo claro disso é com relação à profissão de médico no Brasil. O médico é de longe o profissional hoje no país mais valorizado. Seu “status” é elevado e quase toda família sonha em ter um filho, neto ou sobrinho que exerça a profissão, o que não é ruim, mas que coloca de lado a questão do valor que tem um professor dentro da sociedade, sendo esquecido por grande parte das pessoas que se não fosse pelo professor o médico jamais estaria ali.

As precárias condições são um dos grandes pontos negativos que emperram pessoas de mergulharem na profissão, ora, se o profissional é visto com olhos de pena e recebe baixa remuneração, poucos irão querer exercer a profissão e neste processo o ato de ser educador dentro do cenário nacional vai perdendo valor, a

ponto de ser última opção no mercado de trabalho. Agora, como a profissão que forma todas as outras profissões pode ser vista como última opção, com certeza existe algo de errado nessa lógica.

No Brasil hoje, para ser professor de séries iniciais é necessária “apenas” a habilitação para tal, e às vezes nem isso, já que em muitos lugares do país dá-se aula para crianças sem diplomação, trabalho que é exercido muitas vezes por jovens de 16 a 20 anos de idade, enquanto que em outros países como na França para se dar aula em séries iniciais é preciso mestrado. No Brasil essa lógica é inversa, uma vez que a base, que é a educação infantil é vista com menor importância, já que qualquer um com um pouco mais de instrução pode dar aula nos rincões da nação. No outro lado da balança está os professores brasileiros com mestrado e doutorado que trabalham única e exclusivamente nas Universidades, o que também não é ruim, mas convenhamos que a cobertura do bolo é menos importante do que o bolo em si. Os grandes mestres e doutores estão no lugar errado, se formos usar a lógica francesa (que por sinal dá resultados melhores que os nossos), neste caso, o lugar deles deveria ser as escolas primárias, já que deveríamos cuidar primeiramente da base.

Faz-se necessário que a educação e a formação de professores sejam sempre dialogadas com a ação prática dos educandos, tendo a reflexão um papel fundamental nesse processo. Ação-reflexão-ação baseada em temas geradores e na vivência prática dos seus agentes, cabendo ao professor fornecer ferramentas para que os alunos sejam senhores de seus próprios conhecimentos e agentes dos seus destinos.

O papel do educador vem com esse propósito, redefinir as fronteiras do que é conhecimento, partindo do conhecimento de mundo dos educandos, considerando suas experiências, sabendo que o saber de mundo precede o saber de sala de aula e ensinar e ao mesmo tempo aprender com os educandos. Já que o saber e a aprendizagem não são feitos por um ou dois, mas todos constroem coletivamente e acumulam esse conhecimento. Nas palavras de Paulo Freire: “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”.

## 3.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Paralelamente a todo o trabalho que foi realizado em Santa Maria, é inevitável complementar essa abordagem sem falar de democracia, e como ela se entrecruza com a educação popular. A democracia, juntamente com todo legado e expectativas que ela cria, tem uma ligação que pode ser trabalhada com a educação popular, uma vez que as duas possuem semelhanças, já que todos têm direitos como o voto, a transparência dos deputados e senadores e de como estão trabalhando para o povo, já que um governo do povo, com o povo e para o povo é um dos pilares da democracia moderna, ou seja, ela abrange e assegura legalmente (ou pelo menos deveria) as liberdades e direitos individuais de cada pessoas neste país.

Vemos a educação popular trabalhar com pilares e princípios parecidos aos da democracia, já que a mesma é realizada através de processos contínuos e permanentes de formação e que possui a intencionalidade de transformar a realidade a partir do protagonismo dos sujeitos. Perante isso, não posso deixar de citar:

Dentre as questões que cercam o debate da educação no país está a garantia da educação básica de qualidade social para todos, significando para isso enfrentar o desafio de organizar o trabalho pedagógico de forma a atender uma população sem contato histórico com o saber letrado, e a superação dos rituais, lógicas e estruturas seletivas, segregadoras e antidemocráticas que regulam a gestão dos sistemas que persistentemente excluem “como reprovados e defasados com processos truncados na educação de jovens e adultos [...], engrossando os milhões de analfabetos e daqueles que nem sequer concluintes da 4ª série do ensino fundamental”. (ARROYO, 2008).

Democracia, educação, respeito, humildade, identidade cultural e ação-reflexão-ação são palavras chaves para a construção de uma educação crítica, voltada para o exercício da cidadania, para tal, o círculo de cultura onde é trabalhada a leitura de mundo, e a prática reflexiva, são como o vento que impulsiona o navio em direção ao conhecimento e a ação consciente e a tomada de decisão com caráter de criticidade e potencial de mudança.

É dentro deste cenário pedagógico que finalizo, reiterando outra vez a importância da formação continuada na prática educativa do pedagogo, ensinando e aprendendo numa relação dialógica conscientizadora. Uma das grandes barreiras que existem para a educação popular ser praticada verdadeiramente é justamente essa falha na formação do pedagogo, que deve sempre se perguntar e se criticar (autocrítica) acerca dos elementos que compõem seu ensino e seu método. Outra barreira é saber trabalhar com alunos de EJA tendo consciência das dificuldades de ingresso e permanência dos mesmos em sala de aula, onde o cansaço do dia de trabalho e as distâncias de suas casas até a escola podem e vão atrapalhar às vezes. Cabe ao pedagogo criar métodos que “atraiam” e “fascinem” os alunos a permanecerem no processo alfabetizatório obtendo êxito. Por isso volto a bater nessa tecla: Círculo de cultura, temas geradores e reflexão sobre a ação e tomada de decisões são vitais para a construção coletiva do conhecimento.

As mudanças em mim foram nítidas no que tange ao amadurecimento pedagógico e a vivência docente, onde aprimorei e coloquei em prática vários dos conceitos que vi em sala de aula, essa foi talvez a maior virtude que experimentei. Na ONG, houve um grande avanço por parte dos alunos no aprendizado, sendo importante salientar a evolução por parte deles na escrita e na leitura, tendo a associação como um todo crescido e desenvolvido sua parte educativa e reiterando mais uma vez sua importância dentro da cidade.

## **TERCEIRA PARTE**

### **PERSPECTIVAS PESSOAIS, PROFISSIONAIS E ACADÊMICAS:**

Admito que durante toda minha vida estudantil, nunca fui um estudioso ávido, por vezes detestei copiar no quadro ou decorar um conteúdo para prova, fugia de equações e outros problemas que envolvessem números. Estudava por que era realmente necessário e eu tinha como tenho plena convicção da importância do estudo. Por outro lado, eu gostava muito de ler, ler era comigo mesmo, lia

incontáveis livros no ensino fundamental, principalmente os de aventura e romance policial como Julio Verne, Agatha Christie e Sir Arthur Conan Doyle.

Fascinava-me não só as histórias, mas o modo como eles escreviam, e, por vezes pensava comigo mesmo “caramba, como são inteligentes”. Ficava a me perguntar se algum dia eu conseguiria escrever tal qual eles. O que me fez aos 15 anos de idade escrever uma história sobre um herói que além de perder uma batalha, não consegue voltar para casa, e fica vagando até chegar à outra civilização até então desconhecida que o acolhe. O enredo era até interessante, mas não tive paciência para continuar escrevendo e queria acabar logo com a história, por fim não terminei meu livro. O que conclui com tudo isso é que não tinha maturidade para escrever um romance, não aos 15 anos de idade, mas quem sabe com inspiração e tempo eu termino um dia.

Literatura sempre foi algo que gostei e ler é um grande prazer, desde que seja algo que se goste. Posso estar sendo precipitado, mas a questão “literatura” é pouco “instigada” nos alunos, principalmente nas séries iniciais. Preocupam-se demais com matemática, geografia e se a criança se comporta perto dos outros, não que não sejam importantes também, mas esquecem de criar nela um prazer pela leitura, um gosto que quanto mais cedo é cultivado nos pequenos, mais rápido gostam desse hábito, já que ler é uma questão de hábito.

Com leitores se forma pessoas conscientes (desalienadas), cidadãos críticos, e com cidadãos críticos se muda uma comunidade, uma sociedade, mesmo que seja em pequenas ações como a gentileza e a educação. A leitura aguça a criatividade, e criatividade é o que mais se precisa para solucionar nossos problemas “urbanos”. Se quisermos cidadãos críticos, letrados e conscientes de deveres e direitos, devemos mostrar o mundo da leitura para os pequenos. Como já dizia Pitágoras: “Eduque às crianças e não será necessário castigar aos adultos”

Mas tudo o que sou hoje devo à minha família que me criou e que sou grato por tê-la, já que hoje no Brasil é raro ter um pai e uma mãe em casa (a maioria dos meus amigos não tem um ou outro). Sou grato também à literatura, pois sem ela não teria lido os livros e artigos que precisei para fundamentar meus trabalhos, além, é claro, que sem leitura não é possível escrever, precisamos ler para escrever.



Esse mesmo gosto pela leitura me faz hoje querer continuar meus estudos, de preferência na área de Educação de adultos, já que foi o campo educacional que mais me identifiquei e gostei de trabalhar. Pretendo futuramente fazer mestrado e quem sabe doutorado, mas a princípio quero trabalhar em sala de aula para ganhar experiência e aprender mais sobre a prática docente. Atualmente me sinto um pouco “cru” para ingressar em um mestrado. Mas como na vida não podemos deixar passar as oportunidades, estou de braços abertos para novas experiências e aprendizados acadêmicos. Minha formação como pedagogo deve ser continuada, para tal, o mestrado e o doutorado tem esse propósito, definir mais especificamente meu objeto de estudo e ampliar e melhorar minha prática docente. O segredo está em nunca parar de estudar, de aprender e de se renovar como profissional e cidadão, e é isso que eu pretendo fazer após a graduação.

Como perspectiva pessoal, ainda não tenho planos muito definidos para a minha vida. Espero conhecer alguns lugares do mundo que tenho vontade como a Colômbia, os Estados Unidos e a China. Também tenho curiosidade de conhecer alguns lugares do Brasil como o Rio de Janeiro, São Paulo, o próprio Maranhão, além de Manaus e Porto Alegre. Quando tiver concluído alguns desses sonhos pessoais, se concluir (já que a vida é uma caixinha de surpresas), aí sim posso dizer que estarei a princípio satisfeito. Quanto a questões mais pessoais como casamento não sei ainda, sou muito novo para pensar nisso e sei pouco da vida. Requer muita força de vontade passar o resto da vida olhando para o rosto da mesma mulher. Quem sabe um dia.

Sei que pretendo exercer a profissão de professor pelo tempo que eu puder, fazendo o melhor de mim e tendo a convicção que um pouco que se faz será muito no futuro, já que é a partir das pequenas e simples ações que se transforma alguma coisa. O povo clama por justiça e paz, a população se indigna com escândalos e mais escândalos de corrupção, muito se fala e pouco se faz. Fazer uma revolução ou transformação social de massa é algo quase que inimaginável nos dias de hoje, porém, sei que mostrando as ferramentas necessárias para que os educandos cheguem ao senso crítico e a reflexão, já estarei dando um grande passo rumo a um futuro melhor, tento meu como realização profissional e pessoal, quanto dos alunos, como possíveis agentes transformadores.

[...] ninguém está mais preparado [...] na busca de indicadores reais, práticos, pertinentes às suas realidades objetivas do que aqueles que pisam o chão da escola e que por isso constituem-na um ente pedagógico.

Erasto Fortes Mendonça, 2007, o princípio da gestão democrática na escola pública, pag. 31.

Concluo o curso de pedagogia com a certeza mais do que nunca da importância vital que tem um pedagogo não só dentro de sala de aula, mas também de todo o universo educacional, além da comunidade escolar estar intrinsecamente ligada ao seu trabalho. O profissional da educação deve estar capacitado para poder trilhar não só seus próprios passos, como também auxiliar que outros consigam o mesmo, fornecendo para tal, as ferramentas necessárias. A educação popular não difere disso, sendo de tal modo tão importante para o educando como para quem é o educador. A práxis reflexiva freireana norteia todo esse processo pedagógico, sendo válido a ação, a reflexão e a ação sobre a realidade refletida.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Gestão democrática: recuperar sua radicalidade política**. In: CORREA,

Bianca C.; GARCIA Teise O. (Org.) **Políticas Educacionais e Organização do Trabalho na Escola**. São Paulo: Xamã, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 1981 (14ª ed, 1988), 113 p. - (Coleção Primeiros Passos). Estudo pormenorizado da aplicabilidade do sistema Paulo Freire de alfabetização.

CUNHA, Conceição Maria da. **Introdução – Discutindo Conceitos Básicos**. In: SEED-MEC Salto para o futuro – Educação de jovens e adultos. Brasília, 1999.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade**. 5<sup>o</sup> Edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 35<sup>a</sup> Edição. São Paulo, Cortez, 1997.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**/Paulo Freire, 3<sup>a</sup> Edição. São Paulo, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 23<sup>a</sup>, ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1994. Disponível em <[http://portal.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/Pedagogia\\_do\\_Oprimido.pdf](http://portal.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/Pedagogia_do_Oprimido.pdf)> Acessado em 16/12/2011

Fundação Bando do Brasil. Disponível em <<http://www.fbb.org.br/>> Acessado em 15 de fevereiro de 2013.

GADOTTI, Moacyr. **MOVA, por um Brasil Alfabetizado**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008. (Série Educação de Adultos; 1)

INSTITUTO PAULO FREIRE. **Educação Popular**. Disponível em <<http://www.paulofreire.org/programas-e-projetos/educacao-popular>> Acessado em 20 de fevereiro de 2013.

MENDONÇA, Erasto Fortes. **O Princípio da Gestão Democrática na Escola Pública**. 2007. Líber Livro Editora Ltda, Brasília, DF.

MOURA, Tânia Maria de Melo. **A Prática Pedagógica dos Alfabetizadores de Jovens e Adultos**: Contribuições de Freire, Ferreiro e Vygotsky. Maceió: Edufal, 1999.

OLIVEIRA, Ana Paula de Matos. **Avaliação e Regulação da Educação: a Prova Brasil como Política Pública do Distrito Federal**. Liber Livro; Faculdade de Educação/Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

PAIVA, Vanilda. **História da Educação Popular no Brasil. Educação Popular e Educação de Adultos**. 6<sup>a</sup> edição. Edições Loyola, São Paulo, 2003.

SAVIANI, Demerval. **Formação de Professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro**. Revista Brasileiro de Educação. 2009. Disponível em. <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n40/v14n40a12.pdf>> Acessado em 17 de fevereiro de 2013.11

SOARES, Leôncio José Gomes. **A educação de jovens e adultos: momentos históricos e desafios atuais**. Revista Presença Pedagógica, v.2, nº11, p. 27-35, Dimensão, set/out 1996.

SOARES, Leôncio José Gomes. **O surgimento dos Fóruns de EJA no Brasil: articular, socializar e intervir.** In: RAAAB, alfabetização e Cidadania – políticas Públicas e EJA. Revista de EJA, n.17, maio de 2004.

UNESCO. **Qualificação e Capacitação de Professores.** Disponível em <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/education/educational-governance/teacher-education-and-training/>> Acessado em 17 de fevereiro de 2013.